

RELATÓRIO 3 A

3ª SESSÃO: Édipo e a Esfinge

5º Ano

(Grupo A)

CCB, 26 de Novembro de 2009

Índice

	Pág.
RELATÓRIO DA DISCUSSÃO	3
Análise de relevância temática da discussão	5
Leitura das obras	5
Agenda da Discussão	5
Discussão	7
Elementos descritivos	8
Diálogo entre obras	10
Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)	15
1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?	16
2. Diálogo entre telas	18
3. O que diz a obra Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?	21
4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?	23
5. O que é que as obras comunicam ao observador?	26
Análise etnográfica do registo de vídeo	28
Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)	33
CONCLUSÕES FINAIS	38
REGISTO D CONTROLO	43
Análise da obra e enquadramento no espaço	44
Avaliação da sessão	45
Discussão	46
Observação participante	47
Avaliação da construção de teorias enraizadas	48
Avaliação do processo de pesquisa	49

RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 11 crianças-participantes (8 rapazes e 3 raparigas), com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade, e 3 adultos: professor (CONV1), investigadora (INV) e uma observadora, que participaram na Sessão de Filosofia que teve lugar no dia 26 de Novembro de 2009, com a duração de 1 hora e 9 minutos, no Centro Cultural de Belém (Lisboa). A Sessão foi moderada em parceria pelo professor (CONV1) e a investigadora (INV).

O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 5º ano de escolaridade do ano lectivo 2009/2010 e é constituída por um total de 11 crianças-participantes (8 rapazes e 3 raparigas), sendo que a especificação do grupo mantém-se conforme R1A.

Nesta 3ª Sessão as fases referenciadas no R2A foram mantidas, bem como, a relação comportamental dos participantes com as obras.

Procedimentos

Este R3A reporta-se à exposição intitulada *Édipo e a Esfinge*, e procurou manter o protocolo de Matthew Lipman assumido por esta investigação. A escolha das obras para a Sessão de Filosofia foi facilitada pelo modo como estas estavam expostas, isto é, as duas obras em questão haviam sido colocadas numa sala única isolando-as de outras exposições e respectivas obras. Assim, a organização do espaço e a separação destas duas obras conferiu à exposição um cariz de isolamento que promove uma introspeção algo intimista (Figura 1).

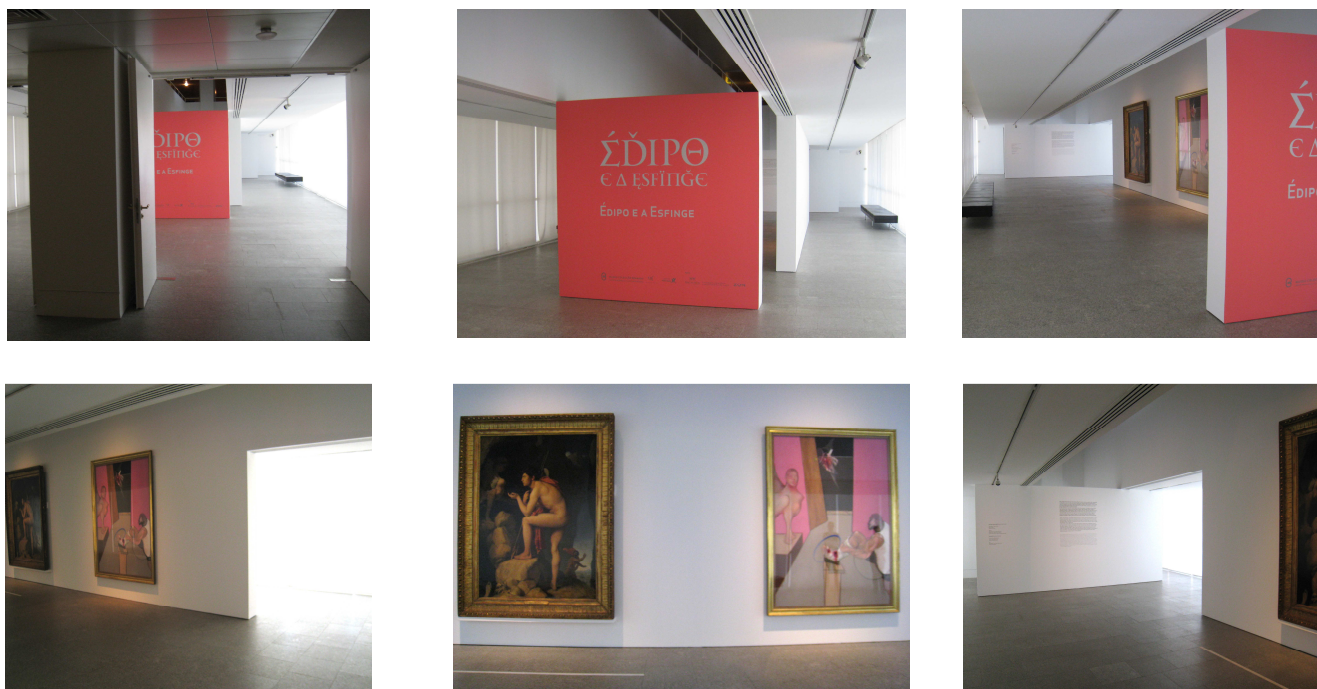


Figura 1 – Aspectos referenciais da sala de exposição

A preferência desta exposição confessou-se no feliz encontro entre duas obras que dialogam entre si e com a sua inevitável distância temporal: a obra *Édipo explique l'énigme aux Sphinx* de Jean-Auguste Dominique Ingres cedida a título de empréstimo pelo Museu do Louvre (Figura 2) e a obra *Oedipus and the sphinx after Ingres* de Francis Bacon pertencente à coleção Berardo (Figura 3).



Figura 2 - Jean-Auguste Dominique Ingres
Édipo explique l'énigme aux Sphinx, 1808
Óleo sobre tela

Figura 3 - Francis Bacon
Oedipus and the sphinx after Ingres, 1983
Óleo sobre tela

De facto, esta parceria salienta o primeiro impacto causado pela leitura em parceria das obras que convida à mesma duplicidade formal proposta na Sessão 2 A.

Porém, esta exposição ressalta, ainda, as seguintes dissemelhanças a considerar: as obras foram concebidas em períodos distintos, produzidas por diferentes autores cujas linguagens plásticas são inevitavelmente distintas (Figura 2 e Figura 3). Mais, a descrição e a disposição dos elementos que compõe as duas obras, apesar de se revelarem como expressões de diferentes plasticidades, submetem a vontade do observador a uma irrecusável associação narrativa.

Este jogo contínuo da semelhança dissociável revela-se como a proposta que acompanha a vontade emergente dos actos discursivos relatados na Sessão 2 A.

ANÁLISE POR RELEVÂNCIA TEMÁTICA DA DISCUSSÃO

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na discussão pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Esta Sessão 3 A foi a segunda a ser realizada num espaço público e em discussão directa com obras de arte, sendo que neste caso as obras visadas circunscrevem uma cumplicidade temática, contudo, obriga a considerar diferentes composições, linguagens plásticas distintas, diferentes autorias e épocas distintas.

Na análise do fenómeno em questão manteve-se o mesmo sistema de categorização anteriormente estabelecido: registar a organização natural da própria discussão por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

Leitura das obras (1ª Fase da Sessão)

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 1 minuto e 15 segundos.

A **Leitura das obras** iniciou-se com um breve esclarecimento sobre os procedimentos, de como estes se assemelham aos estabelecidos na sessão anterior e o assumir efectivo do MP4 como *passa-palavra*.

As crianças-participantes, com alguma agitação, sentaram-se em meia-lua para poderem integrar no seu círculo de discussão as obras seleccionadas, foram esclarecidas algumas dúvidas e deu-se seguimento a um momento de observação/reflexão individual das obras em silêncio.

Agenda da discussão (2ª Fase da Sessão)

Para a **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 6 minutos e 22 segundos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA – Categorização processual (teorização activa)

A constituição da **Agenda da discussão** não causou qualquer tipo de constrangimento nas crianças-participantes (à excepção da IND 11 que se manteve em silêncio).

As crianças-participantes apresentaram 9 questões:

- | | |
|---|--------------------------|
| 1. Qual será a ligação entre os dois quadros estando a esfinge nos dois? | IND6 (Masculino) |
| 2. Onde é que eles estão? | IND1 (Masculino) |
| 3. Porque é que há ali uma seta? | IND5 (Masculino) - Bacon |
| 4. Eu queria saber para onde está este senhor a olhar porque não me parece que esteja a olhar para a esfinge. | IND7 (Feminino) - Ingres |

- | | |
|--|--------------------------|
| 5. O que é que fazem aqueles círculos ali? | IND8 (Masculino) - Bacon |
| 6. O que é que o Édipo estará a pedir à Esfinge? | IND3 (Feminino) – Ingres |
| 7. O que é que aquele segundo homem está ali a fazer? | IND9 (Feminino) – Ingres |
| 8. Foi o mesmo pintor que pintou os dois? É porque não parece... | IND5 (Masculino) |
| 9. O que é que aquela mancha vermelha está ali a fazer? | IND2 (Masculino) - Bacon |

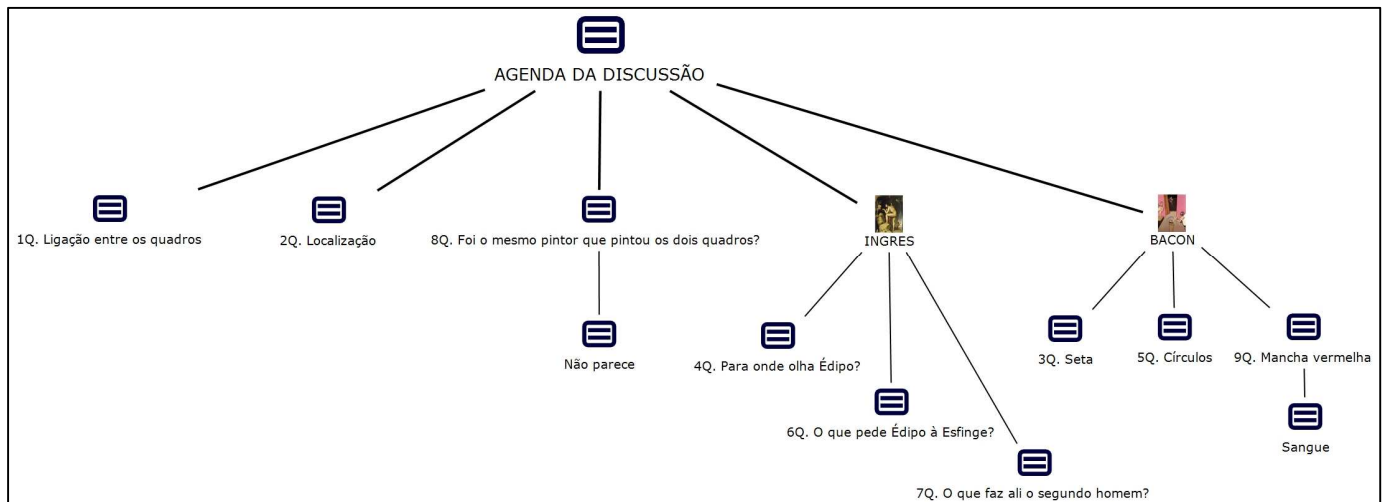


Figura 4 - Agenda da Discussão (Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** (Figura 4) formou-se a partir de 9 questões que evidenciam a abrangência das divergências e/ou concordâncias que surgiram após a primeira **Leitura da obra** e que se agrupou por analogia temática. Assim, a **1Q.** revelou um interesse específico pela possível *ligação entre os quadros* em discussão; a **2Q.** pela *localidade* onde decorrem as cenas representadas; a **8Q.** preocupou-se com o *reconhecimento da autoria* das obras; em associação à obra de **INGRES** surge a **4Q.** Questão que procura estabelecer a *relação do olhar entre as personagens representadas*, a **6Q.** que indaga sobre o *tipo de relação se estabelece entre Édipo a Esfinge* e a **7Q.** que pesquisa o *papel desempenhado pelo segundo homem representado*; e em associação à obra de **BACON** surge a **3Q.** que delibera sobre a leitura simbólica da *seta*, a **5Q.** considera a leitura simbólica dos *círculos* e a **9Q.** que considera leitura simbólica na mancha vermelha associando-a a *sangue*.

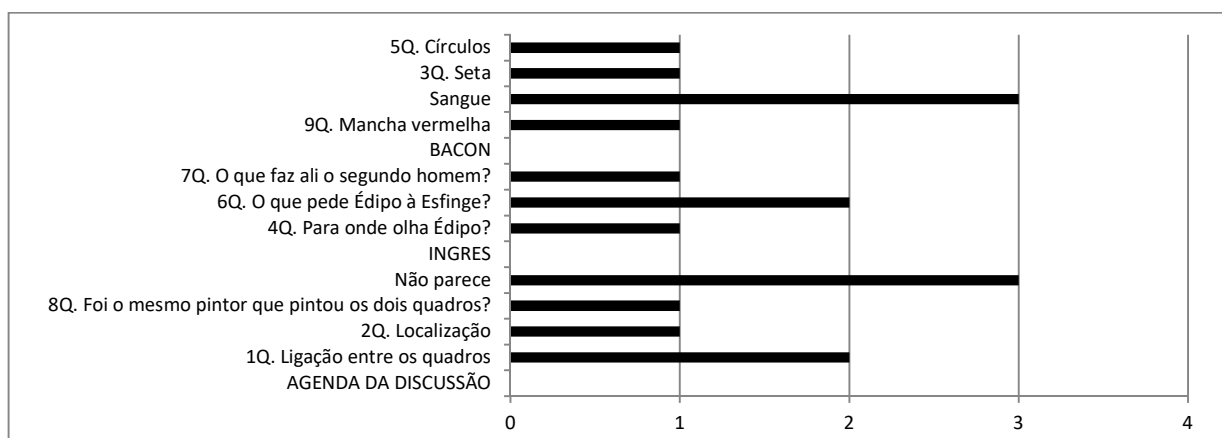


Tabela 1 - Agenda da Discussão (ARTD)

Na ARTD da categoria **Agenda da Discussão** (Tabela 1) salienta-se que as 9 questões foram dispostas por associação temática, tal como foi anteriormente referido, pelo que a categoria **Agenda da Discussão**, e as subcategorias **Ingres** e **Bacon** patenteiam uma natureza totalmente processual.

Nesta análise observa-se uma maior relevância que valoriza, através da **8ªQ**, alguma inquietação provocada pela corroboração da autoria das obras observadas; e ainda, através da **9ªQ** à possibilidade de a mancha referida ser representação de **Sangue**. Com um menor grau de relevância surgem a **1ªQ** que propôs uma possível ligação entre telas e a **6ªQ** com preocupações associadas ao tipo de relação que se estabelece entre as figuras representadas - Édipo a Esfinge.

No que toca à dinâmica total da Sessão, a natureza das questões associadas à subcategoria **Ingres** iniciam as primeiras preocupações associadas à leitura e compreensão dos elementos constituintes da obra em questão e estruturam a subcategoria **Elementos descritivos**. Ainda neste contexto, a **1ª Q**. “Qual será a ligação entre os dois quadros estando a esfinge nos dois?” sustentou a 2ª parte da Discussão uma vez que dilatou por conveniência, a reflexão estruturada pela subcategoria **Diálogo entre obras**¹.

No que diz respeito à constituição desta categoria destaca-se, enquanto fenómeno observado, a primeira participação do IND2 (Masculino) numa Sessão, com o contributo da última questão para a **Agenda de Discussão**.

Discussão (3ª Fase da Sessão)

O registo da **Discussão** verificou uma duração aproximada dos 54 minutos e 23 segundos.

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA – Categorização processual (teorização activa)

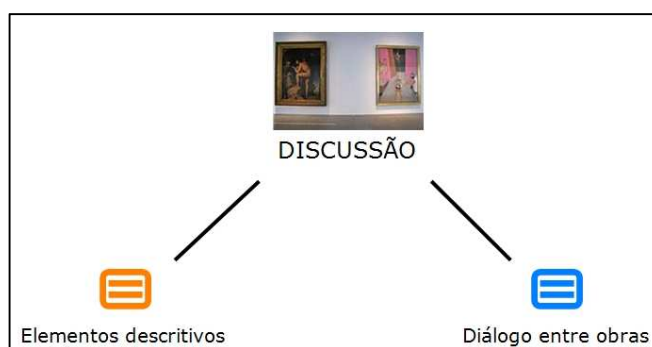


Figura 5 - DISCUSSÃO
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Figura 5) descreve a 3ª Fase da Sessão, ou seja, a discussão propriamente dita.

Nesta sessão, em contraste com a **Agenda da Discussão**, verificou-se uma simplificação da organização interna da **Discussão**, pelo que, de modo a respeitar a natureza do fenómeno em questão, consideraram-se apenas duas subcategorias fundamentais para a teorização dos dados a considerar.

Assim, a categoria **Discussão** apresenta-se associada à subcategoria **Elementos descritivos** directamente associada à obra de Ingres, ou seja, à subcategoria **INGRES** da **Agenda de Discussão**. Esta subcategoria constitui-se dos elementos revelados numa primeira **Leitura da obra**, ou seja, acusa a necessidade de situar a cena representada num determinado

¹ Ver **Discussão**, pág. 7-8.

lugar, de interpretar a atitude da figura mitológica (a esfinge), a figura de Édipo com as suas lanças e o seu *olhar de poucos amigos*, que rapidamente se manifestou no interesse pela relação de olhares patente na obra de Ingres entre a esfinge, Édipo e o observador. A subcategoria **Elementos descritivos** acusa o interesse inicial das crianças-participantes na obra de Ingres em detrimento da obra de Bacon.

A categoria **Discussão** assume, ainda, a subcategoria **Diálogo entre obras** associada à necessidade de dar resposta à subcategoria **1ª Q. Ligação entre os quadros da Agenda de Discussão**. Esta subcategoria revela uma abordagem diferente por parte dos crianças-participantes em relação ao que foi observado na Sessão 2 A de uma das obras ter sido preterida à construção argumentativa, ou seja, as crianças-participantes manifestaram uma forte necessidade de integrar a obra de Bacon e de a associar à obra de Ingres, o que possibilitou um discurso integrador de ambas as obras e uma reflexão mais incisiva e simultaneamente abrangente.

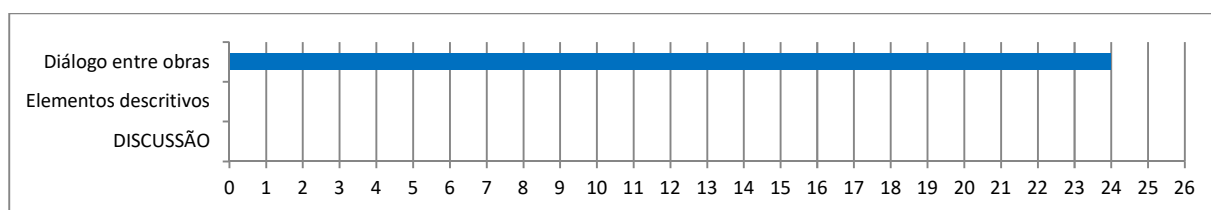


Tabela 2 - DISCUSSÃO (ARTD)

A ARTD da categoria **Discussão** (Tabela 2), verifica que a subcategoria **Diálogo entre obras** distingue-se notoriamente, no que diz respeito ao seu grau de relevância, das restantes subcategorias. Assim, e uma vez que a categoria **Discussão** foi constituída de acordo com o seu carácter teórico, esta não acusa qualquer interesse de natureza directa, tal como a subcategoria **Elementos descritivos**. Contudo, a natureza da relevância da subcategoria **Elementos descritivos** será observada isoladamente, conforme estrutura sustentada no R1A, pelo que, esta ausência de relevância temática, para a análise da categoria **Discussão**, não revela nem sustenta o tipo de teorização que a fundamenta.

Elementos Descritivos

Code: DISCUSSÃO \ Elementos Descritivos

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

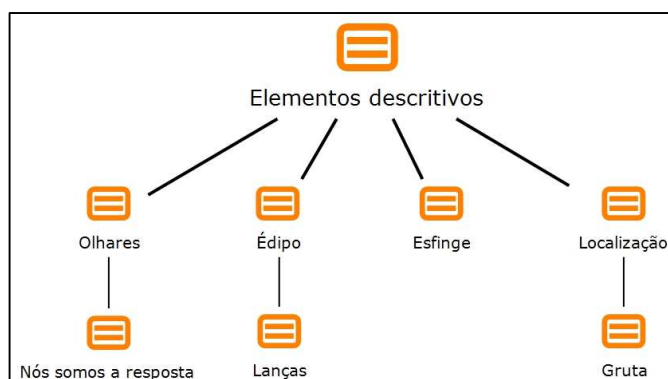


Figura 6 – Elementos descritivos (Diagrama)

A subcategoria **Elementos descritivos** (Figura 6) que apresenta uma estrutura linear algo simples, foi espontaneamente constituída devido ao facto de as crianças-participantes fruírem simultaneamente de duas obras distintas mas, de algum modo, potencializadoras de leituras comparativas simultaneamente convergentes e divergentes. Tal como foi afirmado anteriormente, a subcategoria **Elementos descritivos** surge por associação imediata à questão 1ª questão da **Agenda da Discussão** “Qual será a ligação entre os dois quadros estando a esfinge nos dois? IND 6 (Masculino). Num primeiro instante os interesses descritivos das obras visadas debruçaram-se na identificação das figuras principais, **Édipo** e a **Esfinge**, em torno das quais várias acções ou situações poderiam ser relatadas e que foram estruturadas através da subcategoria **Olhares** e da subcategoria **Localização**.

Assim, a subcategoria **Édipo** organiza-se sobretudo com base na leitura da obra de Ingres, na possível relação que Édipo possa ter com a Esfinge, pela expressão ou natureza do seu olhar Ex: “Ele está ali com um ar de poucos amigos!” IND 7 (Feminino) e que se prolonga às suas insígnias através da subcategoria **Lanças** que sobrevém como uma primeira tentativa de interpretação associativa directa das lanças representadas na obra de Ingres com as setas representadas na obra de Bacon Ex: “As lanças são as feridas.” IND 5 (Masculino).

A subcategoria **Esfinge** é igualmente estruturada com base na leitura da obra de Ingres e passa pela tentativa de inquirir sobre o que realmente representa Ex: “O que é que a Esfinge representa?” IND 1 (Masculino) e a sua contextualização associada à figura de Édipo Ex: “A Esfinge está ali onde estão os esqueletos, a Esfinge pode ser uma coisa que represente [ser] má, que come, e a quem o Édipo esteja a pedir para que não faça a si qualquer coisa desse género.” IND 3 (Feminino). A subcategoria **Localização** expressa a necessidade de identificar e enquadrar o local onde se passa a acção representada: se seria Grécia devido aos trajes de Édipo e às esculturas, e se na obra de Ingres este episódio ocorre numa **Gruta** ou não Ex: “Aquele lado é gruta, aquela parte escura é gruta mas depois, aqui não é gruta porque senão, de onde é que a luz vem?” IND 5 (Masculino).

Na subcategoria **Elementos descritivos**, a subcategoria **Olhares** é sem dúvida a mais complexa na medida em que, durante a constituição e reconstituição de argumentações, induziu as crianças-participantes a uma aproximação à obra de Ingres para que verificassem para onde ou para quem se dirige o olhar de Édipo Ex: “(...) o Édipo a mim não me convence muito que esteja a olhar para a Esfinge!” IND 7 (Feminino), para concluir que afinal a Esfinge estava a olhar para o observador, para fora do quadro Ex: “Acho que nesta altura, a que aparece no quadro, [Édipo] já acertou, já sabe a resposta por isso ela, é como se estivesse chateada por ele ter acertado, não está a olhar fixamente para ele, mas como ele acertou é como se não tivesse medo dela (...).” IND 8 (Masculino). Esta confirmação por aproximação à obra estendeu-se ao desfecho inevitável de que **Nós somos a resposta** ao enigma Ex: “Ela está a olhar para nós porque nós somos a resposta (...), ela está a olhar para nós com cara de: - Não digam ao Édipo que vocês são a resposta!” IND 7 (Feminino). Ainda neste contexto, surge por associação directa uma transposição destas possíveis conclusões para a leitura da obra de Bacon Ex: “Também [aqui] a Esfinge não está a olhar para o Édipo, também está a olhar para aqui.” IND 6 (Masculino).

Na constituição da subcategoria **Elementos descritivos** observou-se, ainda, como as primeiras deduções foram menos intensas e algo elementares, enquanto as intervenções posteriores, que exigiram uma observação mais ponderada e esforçada, sustentaram contextualizações narrativas com associações directas entre obras. As contextualizações narrativas revelaram uma maior conveniência para a construção de sentidos.

A subcategoria **Elementos descritivos** (Figura 6) não apresenta intersecções internas ou externas.

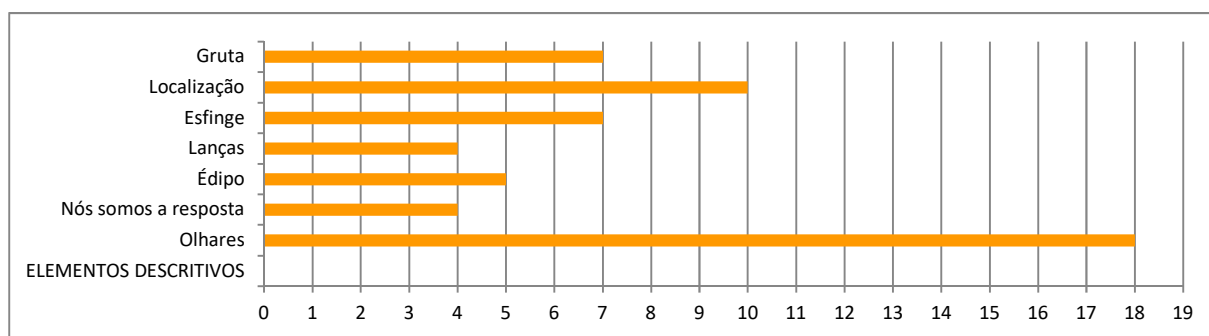


Tabela 3 – Elementos descritivos (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Elementos descritivos** (Tabela 3) descreve um carácter teórico pelo que não apresenta qualquer grau de relevância para a análise em questão.

As subcategorias associada a descrição das figuras principais **Édipo** e a **Esfinge** apresentam graus de relevância médio-baixos, comparativamente com a subcategoria **Localização** e a subcategoria a si agregada **Gruta** cuja relevância média apresentasse bem consolidada, e com a subcategoria **Olhares** com um grau de relevância elevado uma vez que organiza as argumentações resultantes da experimentação directa e intensa da obra Ex: “Ela [a Esfinge] vê-nos! Ali [Ingres] está a começar a olhar, ali [Bacon]: Estão a ver o que aconteceu!” IND 4 (Masculino), e que se conclui na subcategoria **Nós somos a resposta** que observa uma menor relevância na construção de sentidos objectivados pelas argumentações.

Diálogo entre obras

Code: DISCUSSÃO \ Diálogo entre obras

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

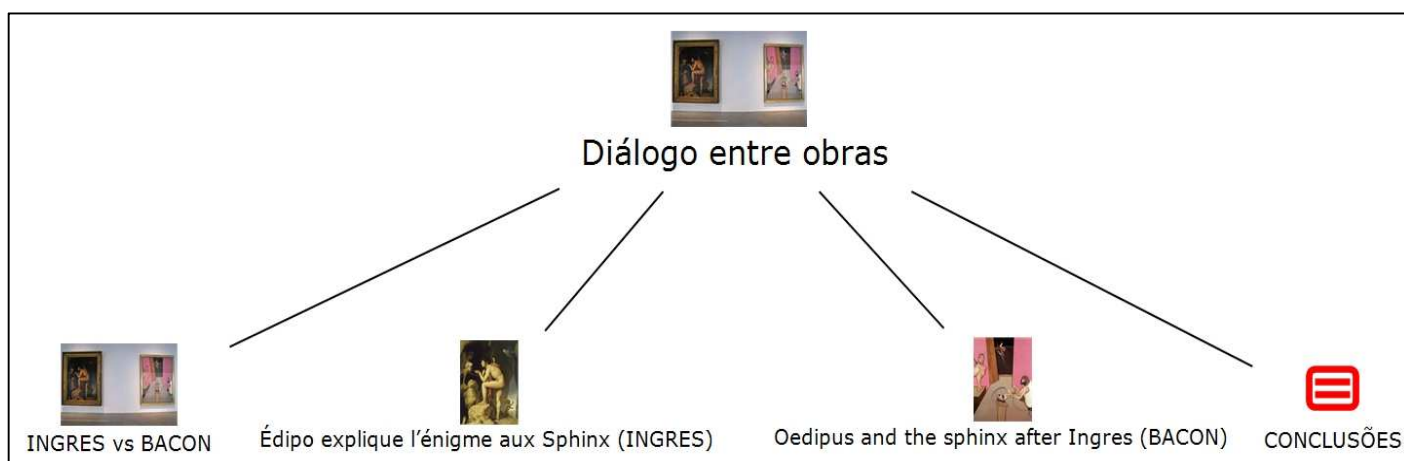


Figura 7 – Diálogo entre obras (Diagrama)

A subcategoria **Diálogo entre obras** (Figura 7) apresenta uma estrutura linear aparentemente simples. A estrutura da subcategoria **Diálogo entre obras** é constituída de quatro subcategorias de 2º nível: a subcategoria **INGRES vs BACON** de estrutura simples; e, a subcategoria **Édipo explique l'énigme aux Sphinx (Ingres)**, a subcategoria **Oedipus and the**

sphinx after Ingres (Bacon) e a subcategoria **CONCLUSÃO**, cujas estruturas imprimem um carácter complexo à pressuposta simplicidade aparente.

Assim, a complexidade estrutural destas subcategorias de 2º nível deve-se ao facto de se ter considerado pertinente estabelecer o que era evidenciado na leitura de cada uma das obras, pelo que, se observou a necessidade de reunir as argumentações que especificassem a contextualização e integração de cada uma das obras por si mesma, patenteando, assim, as particulares que as distinguem e o contexto que as circunscreve Ex: “Édipo no passado, Édipo moderno!” IND 7 (Feminino). Para uma melhor representação desta contextualização optou-se por uma apresentação faseada das subcategorias que se inscrevem nesta complexidade estrutural.

Tal como já havia sido referido anteriormente (pág. 8), a subcategoria **Diálogo entre obras** está directamente associada à necessidade de dar resposta à subcategoria **1ª Q. Ligação entre os quadros da Agenda de Discussão**.

Assim, numa primeira fase destaca-se a necessidade de constituir a subcategoria **INGRES vs BACON** que associa por analogia directa a obra de Bacon à obra de Ingres Ex: “Não é muito fácil encaixar as coisas.” IND 7 (Feminino), porém, imprescindível para encontrar a resposta à 1ª questão da **Agenda da Discussão** Ex: “O que eu quero dizer é assim, eu acho que isto tem a ver com [a questão] do IND 6 e acho que responde a algumas perguntas também, que é: aquela mancha ali atrás [BACON] representa o homem que está ali atrás [INGRES]; o pé ferido [BACON] ali o esqueleto [INGRES]; o homem [BACON], o homem que está ali [INGRES]; onde ele está tem o seu pé apoiado [BACON], as pedras [INGRES], e a Esfinge [BACON] representa a Esfinge [INGRES].” IND 8 (Masculino).

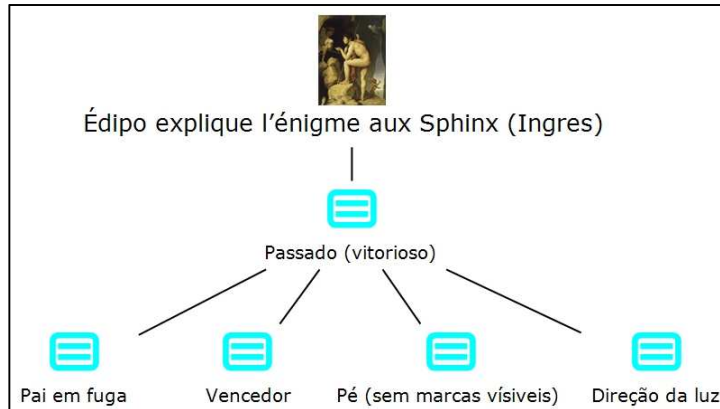


Figura 8 – Édipo explique l'énigme aux Sphinx (Ingres)
(Diagrama)

A subcategoria **Édipo explique l'énigme aux Sphinx (Ingres)** (Figura 8) é interpretada como uma cena que ocorre no **Passado (vitorioso)** da vida e história de Édipo, com o **Pai em fuga** e Édipo representado como **Vencedor** com um pé exposto apoiado sobre pedras Ex: “Achas que está inchado? Eu não, eu acho que está perfeitoinho.” IND 1 (Masculino), e cuja **Direção da luz** conduz o nosso olhar para o centro da tela onde se posiciona Édipo vitorioso Ex: “(...) se nós repararmos aqui [Ingres] está tudo muito bem pintado porque é um momento de vitória, está tudo mais iluminado, a esfinge não está tão bem iluminada porque está no seu momento de fracasso.” IND 7 (Feminino).

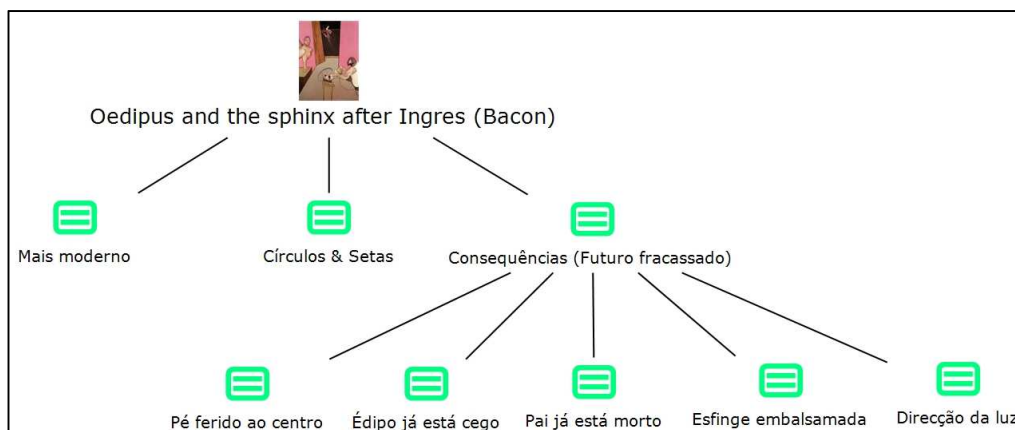


Figura 9 – Oedipus and the sphinx after Ingres (Bacon)
(Diagrama)

A subcategoria **Oedipus and the sphinx after Ingres (Bacon)** (Figura 9) revela que tanto a leitura da obra como a sua contextualização altera o contexto inerente à construção das argumentações Ex: “Não porque depois mais tarde isto [Bacon] é outra ideia!” IND 1 (Masculino). Assim, assistiu-se à necessidade de associar a linguagem plástica do artista como **Mais moderno** Ex: “Acho que aquele significa que é mais moderno.” IND 4 (Masculino); a necessidade de encontrar uma interpretação da sinalética presente nos **Círculos & Setas** Ex: “Eu acho que a seta e os círculos simbolizam. É que este quadro [Bacon], se nós olharmos bem, é muito mais abstracto, temos de ficar mais tempo a olhar para ele para ficarmos a perceber o que está a acontecer, do que este [Ingres]. E as setas e os símbolos, é como se nos dessem uma ajuda porque este [Bacon] está muito mais complexo, está mais... isto simboliza qualquer coisa forte, e isto também, e isto também, porque está mais abstracto que o outro [Ingres], percebe-se mais o que está a acontecer.” IND 3 (Feminino); e por fim, avaliar as **Consequências (Futuro fracassado)** onde a tragédia assume o seu lugar Ex: “(...) como [a Esfinge] está embalsamada, é o que eu acho, é como se este fosse feito depois [Bacon] e este antes, este é o passado da história [Ingres], e este é o futuro da história [Bacon] (...) porque senão: porque é que a Esfinge não está no centro? O que está no centro é mais o ferimento dele [Bacon], (...) é como se fosse o acontecimento de ele (...) ter perdido tudo por isso, representa como sendo uma ferida, que é como se tivesse perdido tudo.” IND 8 (Masculino).

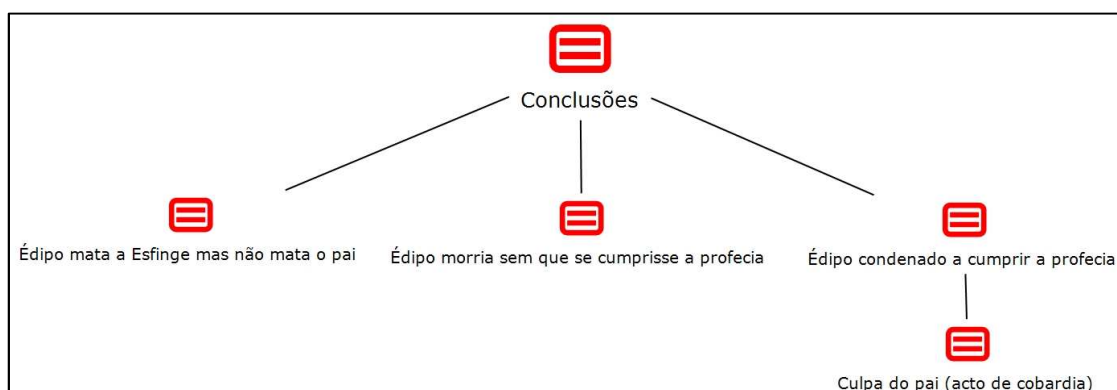


Figura 10 – CONCLUSÕES
(Diagrama)

A subcategoria **CONCLUSÕES** (Figura 10), apesar de sua associada à subcategoria-mãe **Diálogo entre obras**, constituiu-se através de uma tipologia de categorização por valorização uma vez que conceptualiza, de um modo muito enraizado, a importância atribuída ao tema representado nas obras. Assim, os conteúdos apresentados são ponderados segundo uma apreciação de valores morais e éticos expressos através de uma perspectiva empática do dilema de Édipo e de acordo com um contexto hipotético das suas próprias vivências, ou seja, agrega as possíveis hipóteses consideradas para o desfecho do mito representado nas obras em discussão num desdobramento do que poderiam ser as suas próprias escolhas. Esta subcategoria surge apenas aquando do desfecho da **Discussão** e foi constituída a partir de argumentações que, de algum modo, se deslocaram da interpretação directa das obras para se associarem a uma análise moral ideológica.

Assim, para a hipótese **Édipo mata a Esfinge mas não mata o pai** foi considerada a possibilidade de Édipo cumprir o necessário, ou seja, matar a Esfinge mas ficar por ali e não matar o pai, contudo, isto implicaria que de algum modo Édipo anteviesse o que iria suceder Ex: “Ele disse que podia matar a Esfinge e não matar o pai. Mas isso é como se tu (...) soubesses o que iria acontecer!” IND 8 (Masculino) e IND 4 (Masculino). Para a hipótese **Édipo morria sem que se cumprisse a profecia** reverse a possibilidade de Édipo falhar na resposta ao enigma e morrer como um homem comum sem que se cumprisse a tragédia que estava vaticinada Ex: “(...) se ele não tivesse respondido ao enigma: 1. Esfinge não estaria morta e embalsamada, 2. O pai não estaria morto, ele estaria a viver como uma pessoa normal ou morria como uma pessoa normal.” IND 7 (Feminino), deste cenário surge também a necessidade de apresentar uma forte sustentação argumentativa de cariz moralista Ex: “Eu não sou contra o Édipo, claramente, eu acho que prefiro morrer apenas com uma doença no pé mas morrer como uma pessoa normal, uma pessoa que não tenha feito mal ao mundo, a ficar cego, a ter morto o meu próprio pai, a estar casado com a minha própria mãe, e a ter uma filha que pode ser minha irmã ou precisamente ser a tua filha, a isso eu prefiro morrer porque senão estou a fazer mal ao mundo e estou a fazer mal a mim próprio. Eu não sou contra o Édipo mas, eu acho que é isso que aquele quadro está a fazer [Bacon], portanto: - Morre porque morrendo, mesmo assim, ficas com mais glória do que se continuares a viver!” IND 6 (Masculino).

Contudo, a dúvida mantém-se “(...) eu também questiono uma coisa, porque é que ele tinha de matar o pai? Porque é que o pai tinha de o mandar embora? É que oráculo disse que ele iria matar o pai, porque é que o pai tinha de o mandar embora?” IND 3 (Feminino). Assim, a hipótese de **Édipo condenado a cumprir a profecia** respeita o facto de Édipo ter evitado que a Esfinge continuasse a matar pessoas mas não evitou que, posteriormente, Édipo ao ter conhecimento da verdade, não se tivesse desleixado e condenado o povo. Sendo assim, as argumentações dirigem-se para o facto de o pai de Édipo, por cobardia, ter sido o grande responsável por ter iniciado o processo que conduziria ao desfecho anunciado Ex: “(...) a culpa era um bocado também do pai porque o oráculo que lhe disse que ele o iria matar (...) é mais ou menos um beco sem saída: se ele o ia matar, o pai não quer ser morto pelo filho, manda-o embora, depois, com o mandar embora, o filho não conhece a sua própria história, mata o seu próprio pai e casa a sua mãe não percebendo nada.” IND 3 (Feminino).

É ainda pertinente referir as diversas intersecções internas (Figura 10) demonstrativas da necessidade de operar de acordo com a natureza dos dados em análise tendo sido por isso necessário recorrer frequentemente à dupla-categorização dos elementos a considerar.

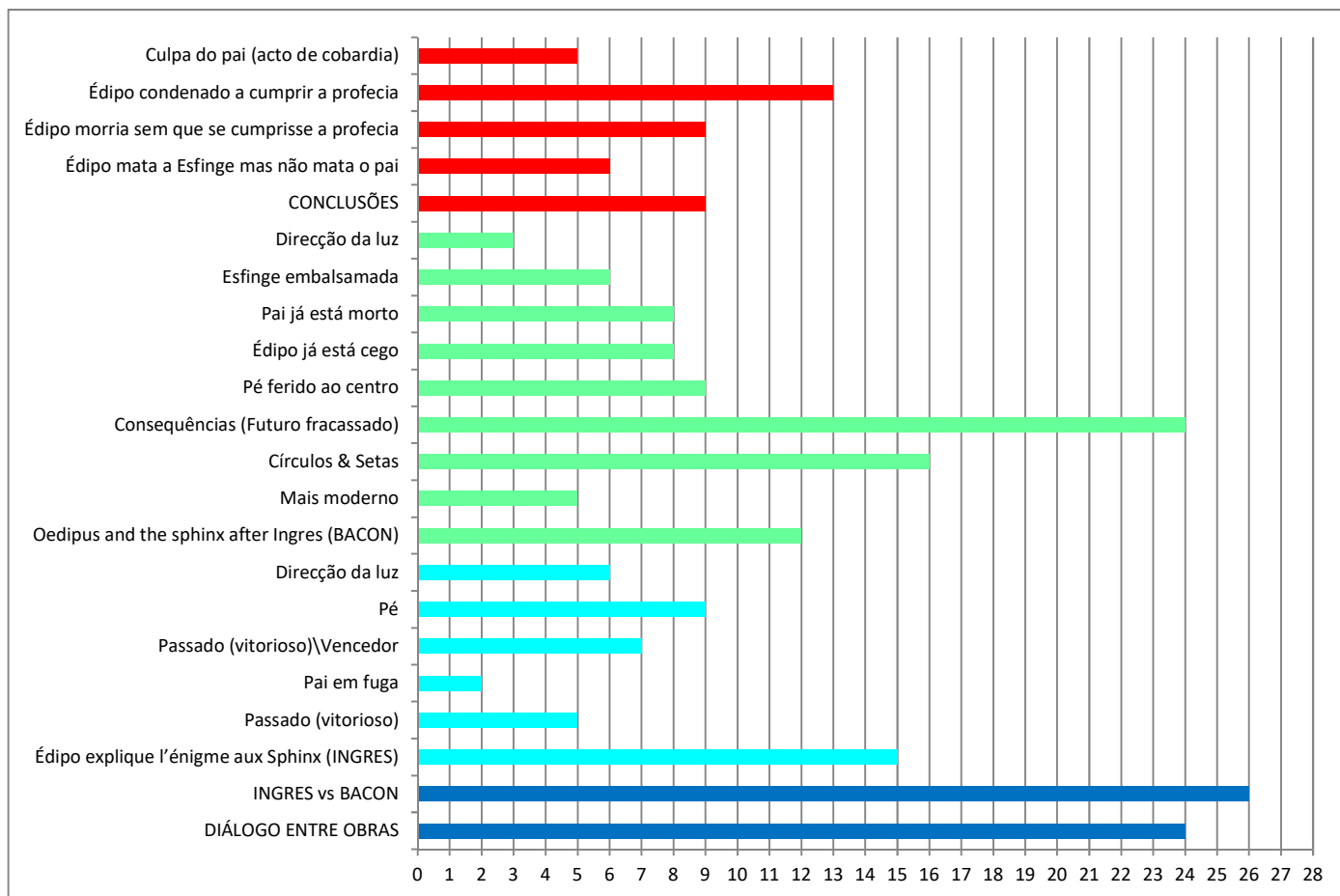


Tabela 4 – Diálogo entre obras (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Diálogo entre obras** (Tabela 4) e da sua subcategoria **INGRES vs BACON** apresenta relevâncias profusamente elevadas Ex: “ (...) sobre o relacionamento entre os dois quadros, acho que é exactamente isso que eles estão tentar demonstrar, porque eles estão a sinalizar todas as coisas que o IND 8 sinalizou: eles estão a sinalizar a mancha, estão a sinalizar o pé dele, estão a sinalizar tudo. Mas então aquele quadro [Ingres] foi pintado antes daquele [Bacon].” IND 6 (Masculino).

A subcategoria **Édipo explique l'énigme aux Sphinx (Ingres)** destaca-se das subcategorias a si associadas por apresentar um grau de relevância médio em contraste com as de relevâncias baixas ou muito baixas das restantes subcategorias.

A subcategoria **Oedipus and the sphinx after Ingres (Bacon)** é neste grupo a que apresenta a estrutura mais complexa e de expressão densa sendo que a subcategoria **Consequências (Futuro) fracassado** apresenta uma relevância elevada Ex: “Ele pode ter começado a alargar a ferida, é como se aquela ferida estivesse a representar a perda dele, de ele ter fracassado” IND 8 (Masculino), seguida da subcategoria **Círculos & Setas** que preconiza a necessidade discursiva de encontrar uma interpretação da sinalética presente na obra com uma relevância média-alta. Todas as restantes subcategorias deste grupo apresentam graus de relevância médios com apenas dois exemplos de relevância média-baixa.

A subcategoria **CONCLUSÕES** apesar de apresentar uma relevância generalizadamente média ocorreu durante um curto período de tempo e de modo intenso e muito mordaz.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG do R3A manteve o protocolo proposto no R1A. A ARDG trata de um tipo de análise mais fechada que se desenvolveu a partir da análise dos interesses temáticos revelados na ARTD de modo a possibilitar que se constituam as questões de referência (Figura 15).

A ARDG (Crianças-participantes) do R3A mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A, pelo que, apenas incide nos comentários e argumentos mais relevantes das crianças-participantes para as questões de referência. A ARDG (Adulto) das intervenções da INV e do CONV1 foram de igual modo consideradas separadamente, por serem adultos.

Tal como no R1A, a ARDG da Sessão 3 A permitiu que se constituísse o RAPI (Crianças-participantes) e RAPI (Adultos) de cada um dos indivíduos considerados.

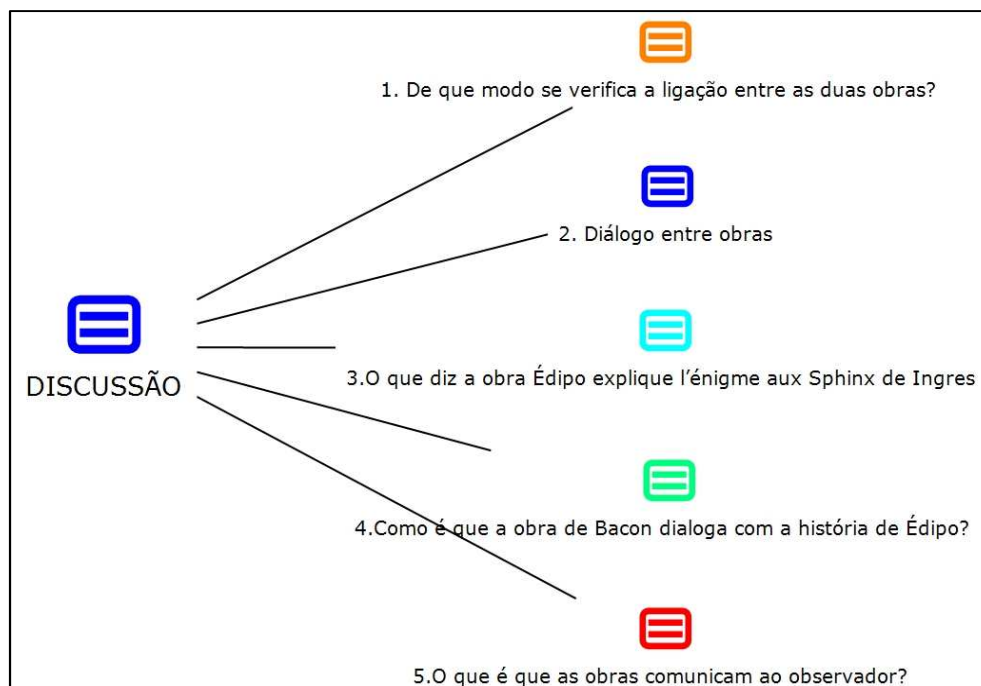


Figura 11 – Questões de referência
(Diagrama)

Na Sessão 3 A a ARDG (Crianças-participantes e Adultos) (Figura 11) considera as seguintes questões:

1. **De que modo se verifica a ligação entre as telas?** que se apoiou na 1ª questão da **Agenda de Discussão** enunciada pelo IND 6 (Masculino);
2. **Diálogo entre telas** sobrevém da abordagem visada pelas argumentações que apresenta um diálogo directo entre as telas, contudo, expressando que apesar das semelhanças ambas *as obras contam histórias diferentes*;

3. **O que diz a obra de Édipo explique l'énigme ais Sphinx de Ingres?** que se estrutura na pesquisa óbvia de elementos sensíveis representados na obra, de interpretação directa ou simbólica e que fornecem os indícios necessários para sugerir o seu entendimento;
4. **Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?** observa a relação estranha ou diferente que os elementos representados na obra que estabelecem um outro enunciado que almeja a assunção de uma consciência subsequente aos actos cometidos por Édipo;
5. **O que é que as obras comunicam ao observador?** estruturada com base na subcategoria **Conclusões (Diálogo entre obras)** teorizada na ARTD (ver pág.13) onde as argumentações se constroem por apreciação de valores morais e éticos subjacentes ao dilema de Édipo e que revelam três contextos hipotéticos considerados como possíveis desfechos. Estes contextos hipotéticos revelam-se por aproximação ao que poderia ser o *arbitrio* de cada uma das crianças-participantes.

1. De que modo se verifica a ligação entre as duas telas?



Figura 12 – 1.De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?
(Diagrama)

A questão **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?** (Figura 12), apresenta uma estrutura extensa mas simples. A questão **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?** expõe preocupações associadas aos personagens nomeados em ambas as obras: o **Pai** Ex: “Acho que aquele homem que está ali atrás (Ingres) pode ser o pai dele. E ali (Bacon) como o IND 6 diz pode representar o homem, o sangue dele, o que ele matou.” IND 4 (Masculino), a **Esfinge** que inaugurou de igual modo a **Agenda de Discussão** é a que, de igual modo, dá origem à questão em análise Ex: “Qual será a ligação entre os dois quadros estando a esfinge nos dois?” IND 6 (Masculino), e **Édipo** que remete para a relação entre as personagens representadas Ex: “O que é que será que o Édipo está a pedir à Esfinge?” IND 3 (Feminino); à leitura ou interpretação simbólica que associa elementos figurativos **Setas e Circunferências** Ex: “ (...) depois a seta [está] a representar o pai morto, por isso, é como se estivesse a contar a história só com estes símbolos” IND 8 (Masculino); à revelação dos **Olhares** enquanto dispositivo que denuncia a relação que as personagens estabelecem entre si Ex: “A Esfinge está a olhar para ele e o Édipo a mim não me convence muito que esteja a olhar para a Esfinge.” IND 7 (Feminino); à **Localização** da cena representada através da identificação dos cenários representados em cada uma das obras Ex: “Se

ambos, os dois, forem o Édipo, aquele (Bacon) não pode ser numa casa, porque se aquela história se passa na antiga Grécia, acho que na antiga Grécia não haviam casa assim.” IND 6 (Masculino); e, ainda, à evidente diferença de **Autores** Ex: “Eu acho que não foram [os mesmos pintores] porque um pintor costuma usar quase sempre a mesma técnica e são técnicas diferentes.” IND 10 (Masculino). É de notar que a subcategoria **Olhares** e a subcategoria **Localização** remeteu a discussão para aspectos comportamentais muito associados à necessidade de aproximação às obras; e que a subcategoria **Autores**, apesar da sua irrelevância para a **Discussão**, apresenta a preocupação de observar as obras nos seus contextos próprios associados ao traço característico e expressivo de cada autor.

A ARDG da questão **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?** (Figura 12) apresenta ainda uma intersecção externa que a associa directamente com à questão **2. Diálogo entre telas**. Esta intersecção destaca como a 1ª questão se desenvolve e permanece ainda latente na 2ª questão.

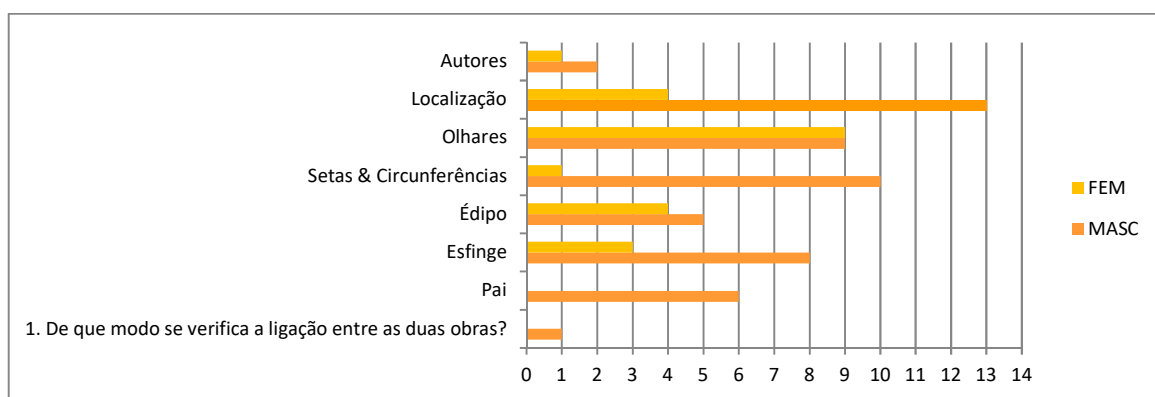


Tabela 5 – 1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?
(ARDG – Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) apresenta a questão **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?** (Tabela 5) com uma expressão de relevância assaz diminuta e que se estende às seguintes subcategorias:

- **Pai** que apresenta um grau de relevância médio apenas para o género masculino;
- **Esfinge** que apresenta um grau de relevância médio-alto para o género masculino e baixo para o género feminino;
- **Édipo** que apresenta uma relevância média-baixa para ambos os géneros;
- **Setas & Circunferências** com um grau de relevância alto para género masculino e irrelevante para o género feminino;
- **Olhares** com um grau de relevância alto para ambos os géneros;
- **Localização** que apresenta um grau de relevância elevado para o género masculino e médio-baixo para o género feminino;
- **Autores** irrelevante para ambos os géneros.

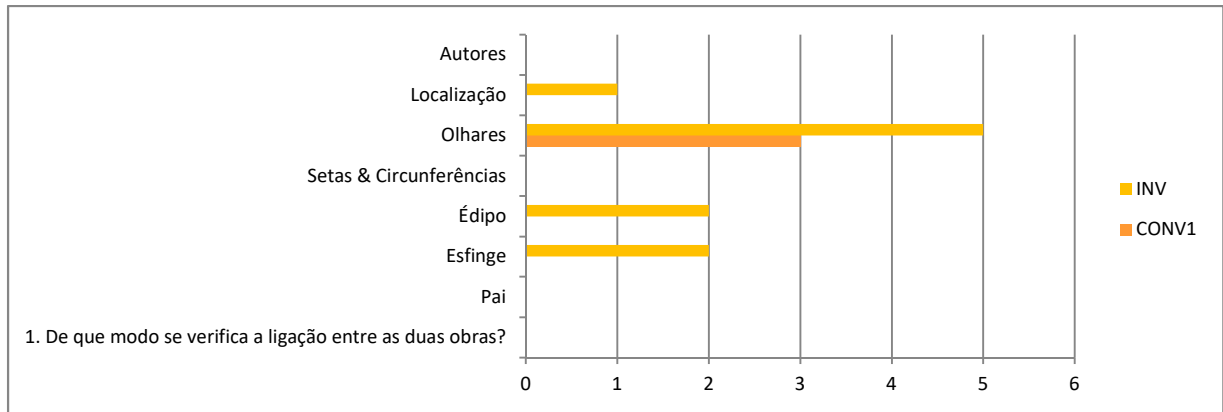


Tabela 6 – 1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?
(ARDG - Adultos)

A intervenção dos facilitadores para a questão **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?** (Tabela 6) foi em geral diminuta e mesmo nula para algumas subcategorias. Pode-se referir a intervenção da INV registada para a subcategoria **Olhares** “Espera, vai lá ver, vai lá verificar esses olhares.” que instigou a movimentação das crianças-participantes em direção à obra de Ingres de modo a experimentarem, verificarem e confrontarem os conteúdos das suas próprias argumentações.

2. Diálogo entre telas

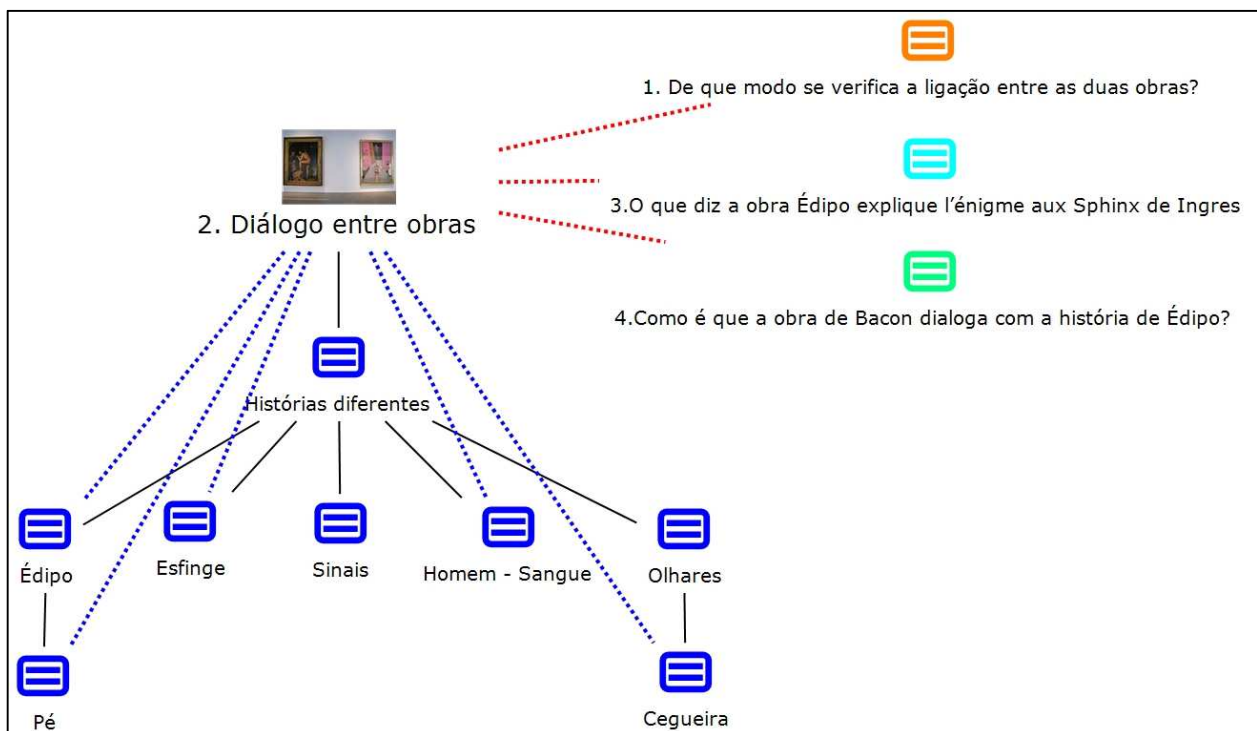


Figura 13 – 2. Diálogo entre telas
(Diagrama)

A questão **2. Diálogo sobre telas** (Figura 13) apresenta uma estrutura extensa e algo complexa. Esta questão gerou-se a partir da preocupação em acentuar o que une (elementos representativos) e o que distingue (diferentes leituras desses elementos representativos) as duas obras entre si. Esta preocupação e os conceitos a si associados permitiram revelar diferentes valores intrínsecos à percepção dos elementos descritivos, do diálogo que se constrói entre o observador e as obras, entre a articulação dos diferentes discursos articulados com as obras, e ainda, o diálogo tácito das obras revelado no discurso do observador.

Este fenómeno torna-se possível, porque, a relação estabelecida entre o encontro das obras, num mesmo espaço/tempo (público), *relata* ao observador/participantes duas narrativas diferentes do mesmo acontecimento, ou seja, modos/expressões diferentes de expressar o mesmo e assim, originar o que foi agregado na subcategoria **Histórias diferentes** Ex: “Por isso, é o que eu acho que está a querer dizer que, se esta parte não tivesse existido da história [Ingres], esta, que está aqui a ser representada [Bacon] também não. Ou seja, a parte gloriosa que ele ganhava à Esfinge, a parte que ele ficava cego, o pai morto, que tivesse casado com a sua mãe não tinha acontecido.” IND 8 (Masculino). Assim, apesar da nomeação de subcategorias que constituem a questão anterior **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?** (Figura 12) ser idêntica às da questão **2. Diálogo entre telas** (Figura 13), o fundamento conceptual que as assiste já não observa a descrição de cada elemento, mas ao modo como cada elemento nomeado participa na construção de um outro tipo de narrativa Ex: “Aquele quadro está apenas a dialogar com o outro por várias razões: porque a história do Édipo não coincide com o Édipo, pelo menos com o que me deram a conhecer da história, não tem a ver com o estar numa casa e na história do Édipo a Esfinge já estaria morta. Mas, aquele quadro [Bacon] tem como já vimos várias parecenças com aquele. Portanto, eu acho que aquele quadro [Bacon] está a dialogar com o outro [Ingres].” IND 6 (Masculino).

Deste modo procedeu-se à auscultação da diferente indumentária de **Édipo** Ex: “Naquele [Ingres] está nu, neste [Bacon] ele já está vestido.” IND 7 (Feminino); do seu **Pé** Ex: Eu acho que aquela coisa que o IND 8 disse sobre o relacionamento entre os dois quadros, acho que é exactamente isso que eles estão tentar demonstrar, porque eles estão a sinalizar todas as coisas que o IND 8 sinalizou: eles estão a sinalizar a mancha, estão a sinalizar o pé dele (...).” IND 6 (Masculino); dos **Sinais** Ex: “(...) se tu repares bem no que está mais sobressaído, por exemplo aquele [Bacon] está a ser apontado, tem círculos à volta (...)” IND 8 (Masculino); da **Esfinge** Ex: “Ela vê-nos... Ali (Ingres) está a começar a olhar, ali (Bacon): Estão a ver o que aconteceu!” IND 4 (Masculino); do **Homem-Sangue** Ex: “ (...) aquela mancha ali atrás [Bacon] representa o homem que está ali atrás [Ingres] (...)” IND 8 (Masculino); dos **Olhares** Ex: “Ali [Ingres] a Esfinge está a olhar para cá e ali [Bacon] a esfinge também está a olhar para cá.” IND 6 (Masculino) e a representação da sua **Cegueira** na representada por Bacon Ex: “Ali [Bacon] não mostra os olhos porque ele [Bacon] já o cegou.” IND 4 (Masculino).

Tal como na ARTD (pág.11), a ARDG da questão **2. Diálogo sobre telas** aponta para uma forte ligação dos comportamentos físicos e da associação dinâmica das suas várias relações discursivas com as obras.

A questão **2. Diálogo sobre telas** (Figura 13) apresenta ainda uma intercessão que a associa directamente às questões **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?**, **3. O que diz a obra Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?**, e **4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?**

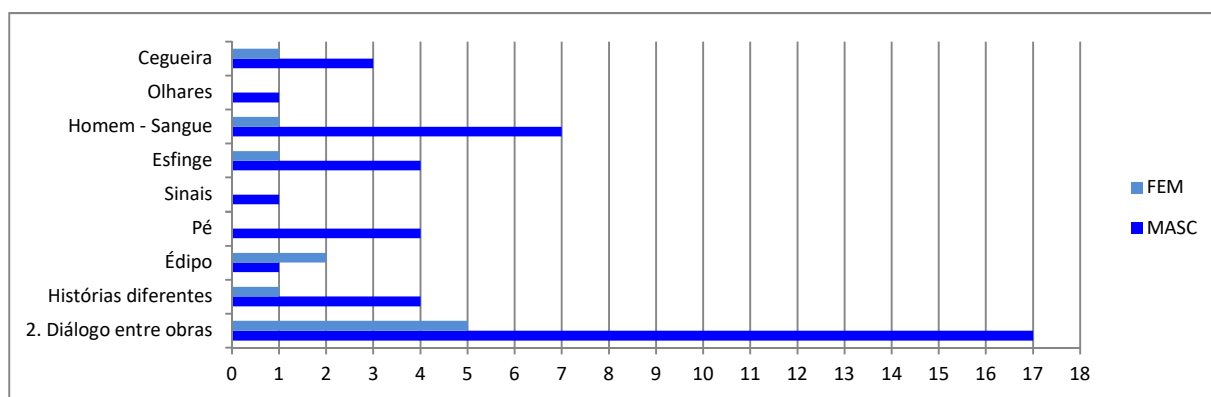


Tabela 7 – 2. Diálogo entre telas
(ARDG – Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **2. Diálogo sobre telas** (Tabela 7) apresenta uma expressão de relevância elevada para o gênero masculino e baixo para o gênero feminino. A questão **2. Diálogo sobre telas**, por sua vez, estende-se à subcategoria **Histórias diferentes** com um grau de relevância baixa para o gênero masculino e irrelevante para o gênero feminino, que por sua vez agrega as seguintes subcategorias:

- **Édipo** com uma relevância muito baixa para o gênero feminino e irrelevante para o gênero masculino;
 - **Pé** com um grau de relevância baixa apenas para o gênero masculino;
- **Sinais** com um grau de relevância bastante diminuto e apenas para o gênero masculino;
- **Esfinge** de relevância baixa para o gênero masculino e irrelevante para o gênero feminino;
- **Homem-Sangue** com uma relevância média para o gênero masculino e irrelevante para o gênero feminino;
- **Olhares** com um grau de relevância bastante diminuto e apenas para o gênero masculino;
 - **Cegueira** com uma relevância muito baixa para o gênero masculino e irrelevante para o gênero feminino.

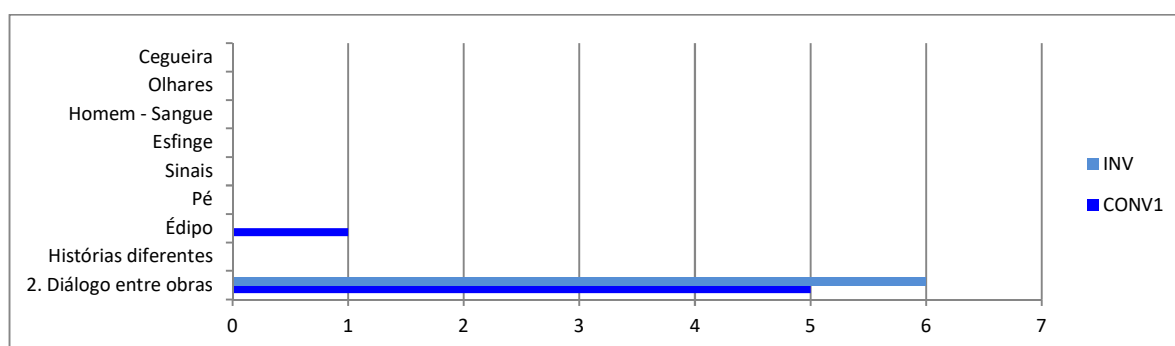


Tabela 8 – 2. Diálogo entre telas
(ARDG - Adultos)

A intervenção dos facilitadores para a questão **2. Diálogo sobre telas** (Tabela 8) foi em geral diminuta e mesmo nula para algumas subcategorias. Contudo, é de referir a intervenção de ambos os facilitadores no apoio pontual mas incisivo para alicerçar a própria questão Ex: “Eu queria que vocês tentassem agora, olhando um pouco para os quadros, tentassem perceber se há alguma razão para, como diz ali na informação, num deles, o Édipo ocupar o centro e no outro não.” CONV1.

3. O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?

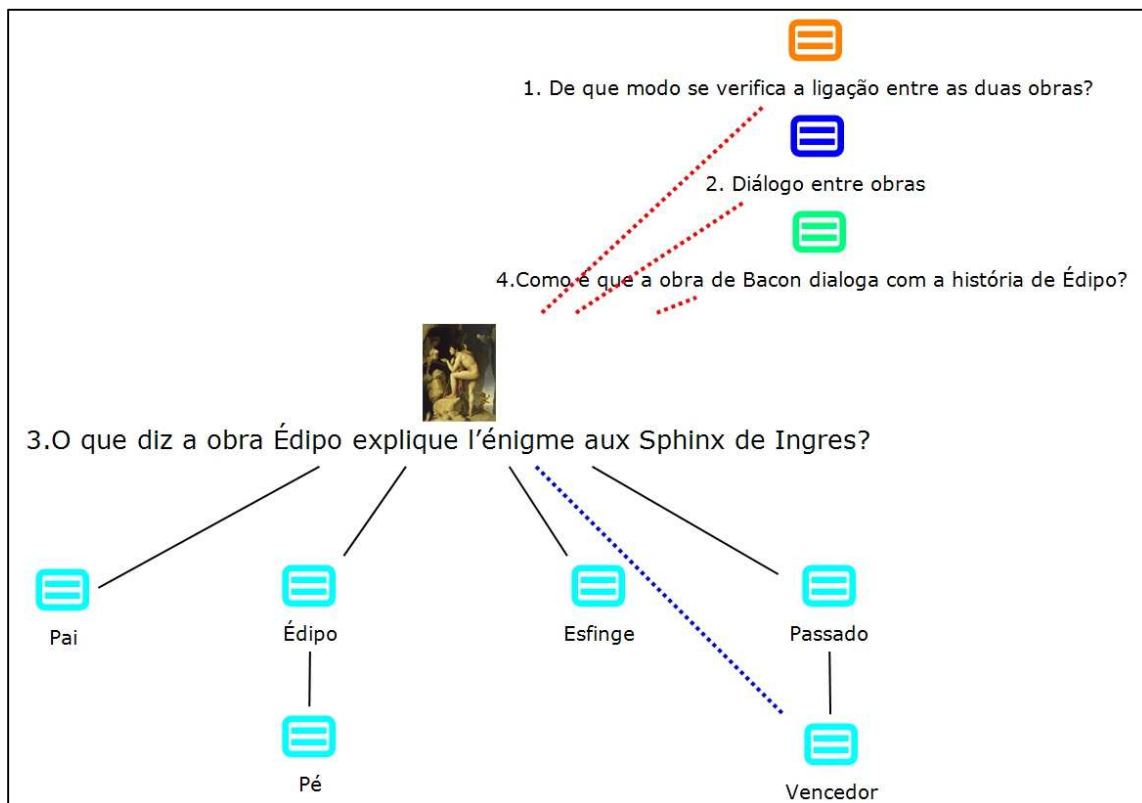


Figura 14 – 3. O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres? (Diagrama)

A questão 3. **O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?** (Figura 14) apresenta uma estrutura simples e de natureza descritiva que indaga sobre a direção de uma possível conclusão.

Esta questão manifesta preocupações relacionadas directamente com a obra de Ingres *Édipo explique l'énigme aux Sphinx*, na procura e construção de sentido através dos elementos representados e do modo como estes estão representados, ou seja, através da construção narrativa que agrega e associa um possível conteúdo.

Ao contrário da questão anterior, que procurava a revelação de um o *diálogo tácito* entre as obras consideradas, a questão 3. **O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?** isola o interesse argumentativo apenas numa única obra.

Os conceitos abordados revelam-se idênticos aos anteriores, pelo que, a cada elemento representado é permitido uma determinada carga simbólica que sustenta a pertença de este episódio relatar especificamente o instante imediatamente anterior a *Édipo* resolver o enigma da *Esfinge* e a vencer, onde se observa: o presumível **Pai** a afastar-se do seu já anunciado vaticínio Ex: “Há a lança que matou o pai... porque aquelas lanças que estão ali (Ingres) mataram ... o sangue, os ossos do pai” IND 4 (Masculino); **Édipo** e as possíveis marcas das grilhetas no seu **Pé** esquerdo Ex: “Para ele estar com o pé vermelho... só se nós compararmos o pé ao braço. O pé apanha menos luz mas...” IND 7 (Feminino); das razões sombrias que sustentam a existência da própria **Esfinge** Ex: “Acho que neste quadro (Ingres) o Édipo está mais iluminado do que a Esfinge e o suposto pai porque vai matar a Esfinge e vai matar o pai.” IND 4 (Masculino); para construir um enredo que se converte nesse **Passado**, no momento da sua história pessoal em que Édipo se torna **Vencedor** Ex: “Acho que neste quadro

(Ingres) o Édipo está mais iluminado do que a Esfinge e o suposto pai porque vai matar a Esfinge e vai matar o pai.” IND 4 (Masculino).

A ARDG da questão 3. **O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?** (Figura 14) apresenta ainda uma intercessão interna com a subcategoria **Vencedor** e várias intersecções externas à questão 1. **De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?**, à questão 2. **Diálogo entre obras**, e à questão 4. **Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?**

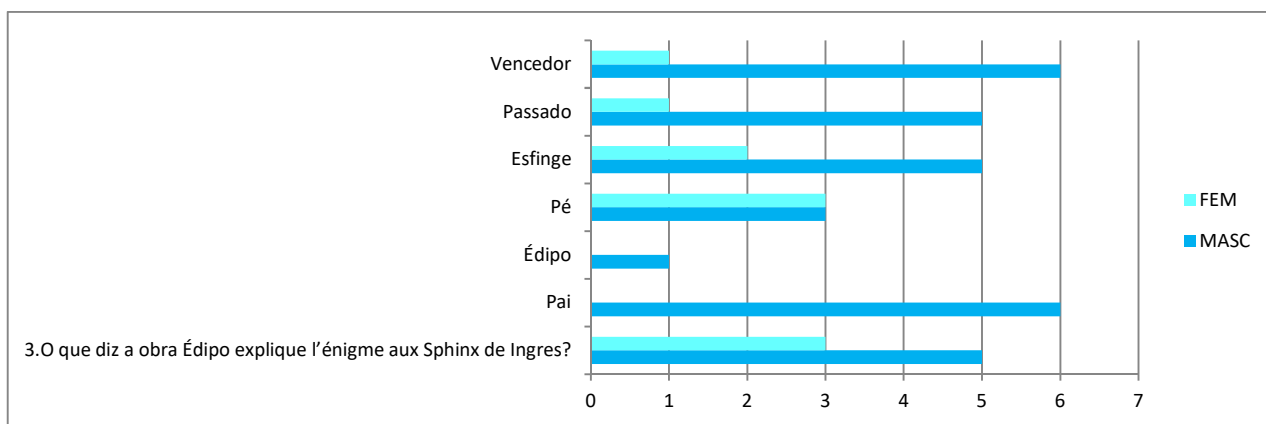


Tabela 9 – 3. O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres? (ARDG – Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão 3. **O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?** (Tabela 9) apresenta para a **Discussão** no seu todo, um grau de relevância bastante baixo. Em geral, a participação do género masculino destaca-se da participação do género feminino, sobretudo, para a subcategoria **Pai** e para a subcategoria **Vencedor**.

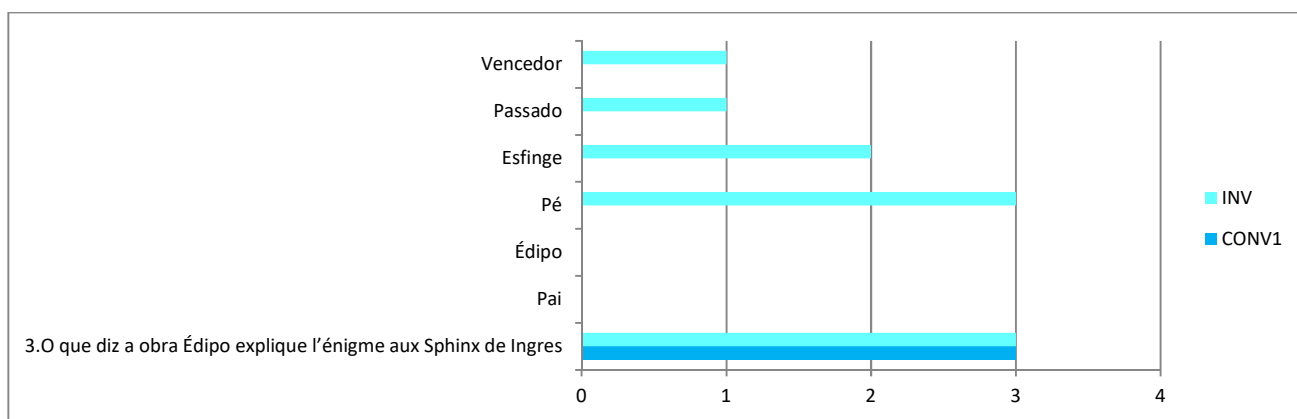


Tabela 10 - 3. O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres? (ARDG - Adultos)

A intervenção dos facilitadores para a questão 3. **O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?** (Tabela 10) revela uma participação mais activa para a INV e um pouco mais atenuada para o CONV1.

No que diz respeito a uma intervenção de conjunto, as duas participações criaram um discurso coeso através de um contínuo retorno à **Discussão** das argumentações pouco clarificadas ou cuja importância promovia a necessidade de uma maior

acuidade, contudo, as intervenções da INV tiveram uma maior incidência no relato da história do Édipo e da Esfinge, enquanto, as intervenções do CONV1 incidiram sobre o possível entendimento do que a obra de Ingres pretendia representar.

4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?

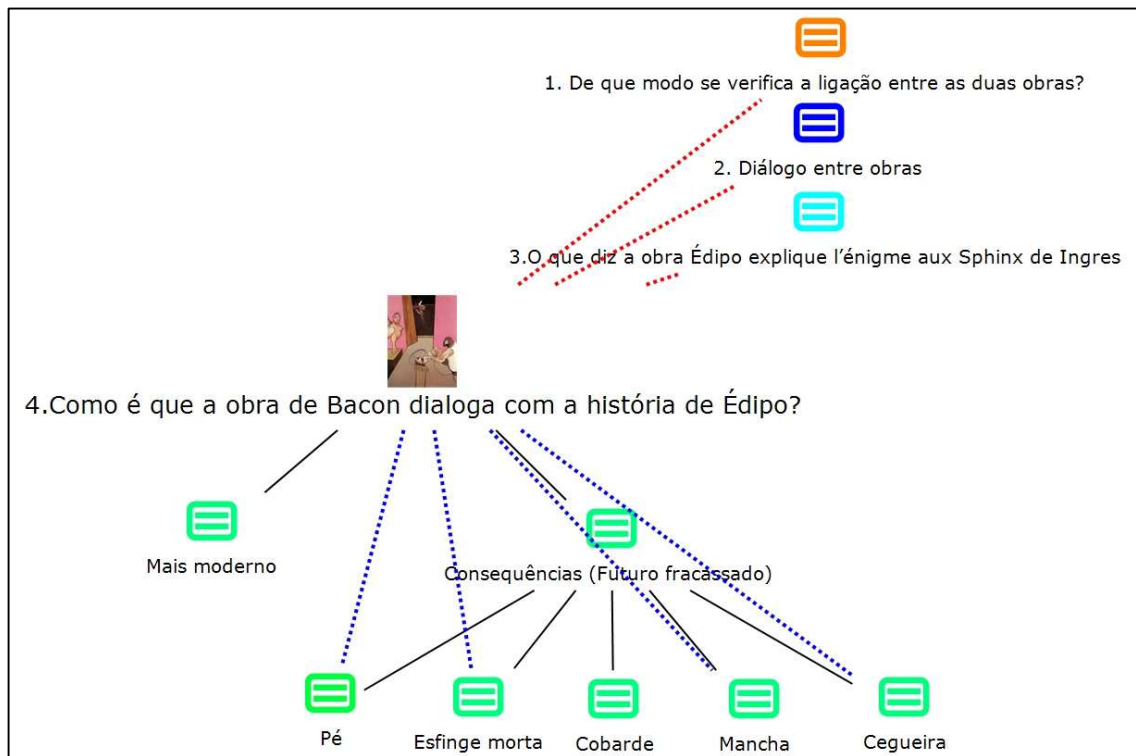


Figura 15 – 4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo? (Diagrama)

A questão **4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?** (Figura 15) apresenta uma estrutura simples, porém, ao contrário da anterior, assume uma conclusão que se sustenta e confirma nos elementos descritivos que nomeia. A questão surge por intervenção do CONV1 após intervenção da IND 7 “Em função disto que a IND7 disse, o quadro do Bacon pretenderá conversar com a história do Édipo? Tentará conversar, dialogar com o outro quadro mais antigo do Ingres? Ou com os dois aos mesmo tempo e porquê? Estão a perceber a minha pergunta: aquele quadro do Bacon pretende dialogar com a história do Édipo, com o quadro do Ingres ou com as duas coisas ao mesmo tempo?”

Assim, estruturada a questão, as argumentações partiram de uma assimilação da obra já assegurada pela construção teórica que a antecedeu: a obra em questão é *mais moderna* e representa as *consequências* do acto de Édipo, ou seja, de um *futuro fracassado* Ex: “Eu acho que aquele quadro o que está a tentar dizer é mais ou menos o que o IND 8 disse: - Se tu fizeres isto, olha para o que te vai acontecer, olha no que te vais tornar, se não fizeres isto podes tornar-te numa pessoa normal, boa. Se tu fizeres isto ficas com uma má vida, uma vida triste!” IND 6 (Masculino). Uma vez assumida esta premissa, as argumentações encontraram, de novo, as suas fundamentações na leitura dos elementos representados e desenvolvidos

anteriormente. Uma vez mais, a associação e recapitulação de conceitos já teorizados permitiu consolidar conceptualizações assumidas, bem como, refiná-las.

O enquadramento teórico da questão **4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?** observa ainda a seguinte categorização: o quadro de Francis Bacon é tido como **Mais moderno** Ex: “Acho que aquele [Bacon] significa que é mais moderno.” IND4 (Masculino) e revela uma interpretação narrativa diferente da sugerida pela obra de Ingres, ou seja, delinea as **Consequências** de um *futuro fracassado* Ex: “Porque num ele é vencedor e no outro não... como está ali a explicar.” IND4 (Masculino); por sua vez, as *consequências* são observadas e confirmadas através da possível significação nos elementos descritos: o **Pé** mantém a mesma posição porém, é-lhe dado um tratamento plástico diferente que o associa à ferida provocada pelas grilhetas que usava por ordem do pai Ex: “ (...) porque o que está no centro (Bacon) é a ferida a derramar sangue.” IND8 (Masculino); a **Esfinge morta** mantém-se presente e impossibilitada de praticar qualquer acto Ex: “Então, como [a esfinge] está embalsamada, é o que eu acho (...)” IND8 (Masculino); **Cobarde** como atitude associada tanto a Édipo como ao seu pai Ex: “Os dois [Édipo e o pai] entraram em cobardia...” IND4 (Masculino); a **Mancha** como demarcação de um local onde ocorreu o parricídio Ex: “Porque aqui [Bacon] ele [Édipo] decidiu embalsamá-la, no fundo matou o pai, suponhamos, é o que toda a gente acha, que aquilo é o sangue do pai morto (...)” IND7 (Feminino); a **Seta** como elemento indicativo de uma narrativa orquestrada pelo autor Ex: “ A seta está como se estivesse a simbolizar o futuro de cada um deles (...) depois a seta está a representar o pai morto. Por isso, é como se estivesse a contar a história só com estes símbolos.” IND8 (Masculino); e, a **Cegueira** assume-se como sinal do desfecho trágico Ex: “Ele não está no centro porque ele, ali [Bacon], já está cego, já cegou, já perdeu a população do seu reino, já não é um ídolo, já não está dentro do seu quadro.” IND3 (Feminino).

A questão **4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?** (Figura 15) apresenta uma série de intersecções internas devido à integração temático-conceptual que obriga à dupla-categorização, e externas associadas ao mesmo fundamento através das questões **1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?**, **2. Diálogo entre obras**, e **3. O que diz a obra de Édipo explicar l'énigme aux Sphinx de Ingres?**.

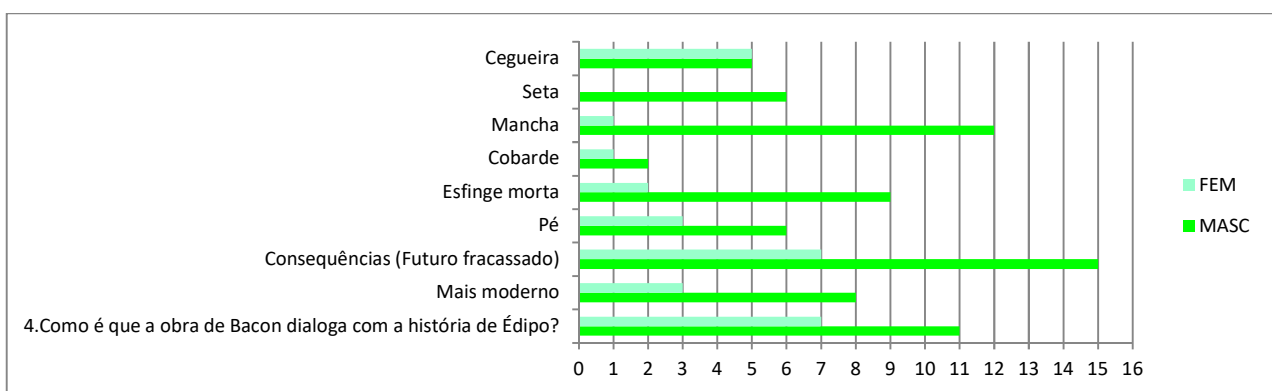


Tabela 11 – 4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?
(ARDG – Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?** (Tabela 11) apresenta uma expressão de relevância alta para o gênero masculino e média para o gênero feminino, por sua vez esta questão estende-se às seguintes subcategorias:

- **Mais moderno** com uma relevância média para o género masculino e baixa para o género feminino;
- **Consequências (futuro fracassado)** com relevância elevada para o género masculino e média para o género feminino;
 - **Pé** com relevância média-baixa para o género masculino e baixa para o género feminino;
 - **Esfinge morta** com uma relevância média para o género masculino e muito baixa para o género feminino;
 - **Cobarde** com relevância diminuta para ambos os géneros;
 - **Mancha** com uma relevância média-alta para o género masculino e diminuta para o género feminino;
 - **Seta** com uma relevância média apenas para o género masculino;
 - **Cegueira** com relevância média-baixa para ambos os géneros.

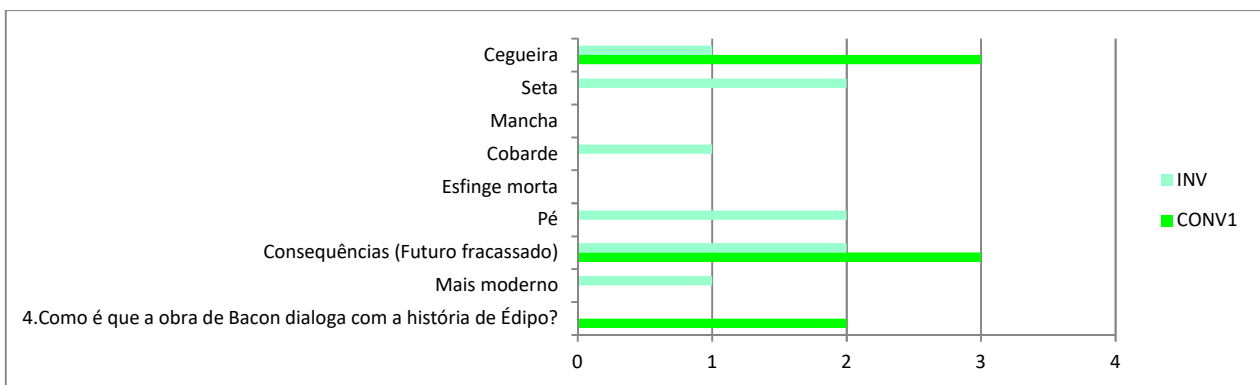


Tabela 12 – 4.Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?
(ARDG - Adultos)

A intervenção dos facilitadores para a questão **4.Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?** (Tabela 12) revela-se activa e de parceria harmoniosa para ambos os facilitadores. Como já havia sido referido, a questão surge por transposição directa da intervenção do CONV1 após intervenção da IND7. Nesta fase da **Discussão** em que se verificaram participações de procura interna de “encaixes dialécticos”, a participação dos facilitadores é fundamental na incitação à clarificação, acuidade e assertividade nas argumentações.

As intervenções da INV acompanham o percurso associado à criação de conceitos para esta questão contudo, sempre com expressões de relevância muito baixas Ex: “Ele já perdeu tudo e apresenta-lhe a ferida dessa perda.” No que diz respeito às intervenções do CONV1, com uma menor manifestação em aspecto de relevância, destaca-se pela preocupação em integrar narrativas implícitas à produção de ambas as obras Ex: “Porque tudo o que ele via não coincidia com a verdade, portanto, ele andou toda a sua vida a ver como um cego porque nunca conseguiu perceber nada do que se estava a passar com ele.”.

Estas preocupações na moderação, uma mais próxima da percepção dos elementos representados e a outra mais integradora dos elementos narrativos implícitos, complementaram-se e permitiram o apoio necessário para que as argumentações se mantivessem alinhadas e integradas no sentido dos interesses anunciados pela intervenção da IND6 (Feminino), o que garantiu consistência conceptual desta última questão para a formação de teoria.

5. O que é que as obras comunicam ao observador?



Figura 16 – 5. O que é que as obras comunicam ao observador?
(Diagrama)

A questão **5. O que é que as obras comunicam ao observador?** (Figura 16) apresenta uma estrutura simples e a sua natureza conclusiva. Os elementos ou ideias, que dão resposta à 5ª questão, surgiram nos últimos momentos da discussão, e revelam que o que havia sido anteriormente percebido, definido e estruturado. Assim, nesta fase final da **Discussão**, foi permitido às crianças-participantes administrar uma outra dinâmica conceptual, isto é, as argumentações alimentaram-se da análise crítica dos possíveis cenários possíveis de serem escolhidos e, conseqüentemente, vividos por Édipo.

Esta questão apresenta uma tipologia de categorização por valorização uma vez que reúne argumentações centralizadas num momento de deslocação de uma realidade virtual narrativa (história de Édipo), para uma outra, mais intimista e, por isso, geradora de uma consciencialização pessoal através da qual as crianças-participantes consideraram ser a sua própria natureza ética e moral. Esta experiência empática permitiu às crianças-participantes enfatizarem possíveis cenários para orquestrar as decisões assumidas por Édipo e as respectivas conseqüências: **Édipo mata a esfinge mas não mata o pai** Ex: “Sim, matava a esfinge mas não matava o pai.” IND4 (Masculino) e **Édipo morria sem que se cumprisse a profecia** Ex: “ (...) eu não sou contra o Édipo, claramente, eu acho que prefiro morrer apenas com uma doença no pé mas morrer como uma pessoa normal, uma pessoa que não tenha feito mal ao mundo, a ficar cego, a ter morto o meu próprio pai, a estar casado com a minha própria mãe, e a ter uma filha que pode ser minha irmã ou precisamente ser a tua filha, a isso eu prefiro morrer porque senão estou a fazer mal ao mundo e estou a fazer mal a mim próprio. Eu não sou contra o Édipo mas, eu acho que é isso que aquele quadro está a fazer, portanto: - Morre porque morrendo, mesmo assim, ficas com mais glória do que se continuares a viver!” IND6 (Masculino), contudo, a terceira hipótese acabou por ser considerada a mais viável, ou seja, **Édipo (estava efetivamente) condenado a cumprir a profecia** Ex: “Eu acho que pensei bem, ele fez bem matar em matar a Esfinge! Está bem que depois daquelas coisas todas... mas a matar a Esfinge salvou muitas pessoas. Se ele se tivesse deixado morrer continuaria a passar lá gente, a morrer por causa da Esfinge (...) ao tentarem passar deviam não acertar no enigma e morriam. E depois, pensando bem, valia a pena duas pessoas terem morrido, do que poderem chegar a morrer milhares de pessoas.” IND8 (Masculino).

Esta última fase da **Discussão** destaca-se pelo elevado nível emocional empregue na construção e desconstrução de hipóteses que salvaguardariam aqueles, que através do seu sistema empático artificial, se colocaram ao nível da condenação trágica de Édipo.

A questão **5. O que é que as obras comunicam ao observador?** (Figura 16) não apresenta qualquer intercessão interna ou externa.

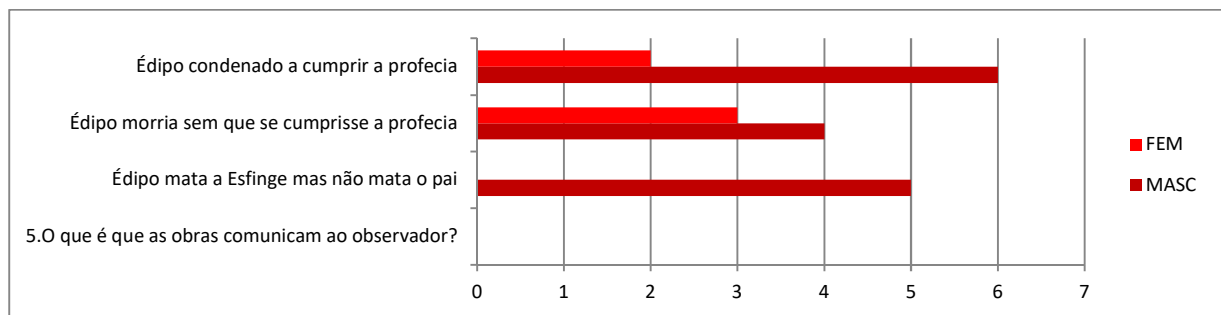


Tabela 13 – 5. O que é que as obras comunicam ao observador?
(ARDG – Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **5. O que é que as obras comunicam ao observador?** (Tabela 13) não apresenta valores de relevância para nenhum dos géneros, uma vez que a sua natureza conclusiva é visivelmente teórica. No contexto fechado desta questão, as suas subcategorias **Édipo mata a esfinge mas não mata o pai** apresenta um grau de relevância alta apenas para o género masculino; **Édipo morria sem que se cumprisse a profecia** apresenta um grau de relevância média-alta para o género masculino e média para o género feminino; e, **Édipo condenado a cumprir a profecia** apresenta um grau de relevância elevado para o género masculino e baixa para o género feminino.

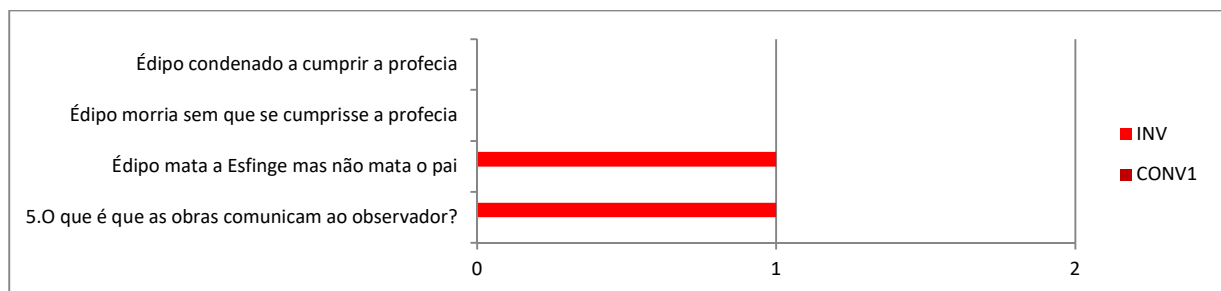


Tabela 14 – 5. O que é que as obras comunicam ao observador?
(ARDG - Adultos)

A intervenção dos facilitadores para a questão **5. O que é que as obras comunicam ao observador?** (Tabela 14) foi em geral diminuta e mesmo nula para algumas subcategorias. Contudo, é de referir a intervenção da INV que instigou à focalização do possível diálogo das obras com os observadores, ou seja, com as crianças-participantes na discussão “Este [Bacon] falou com aquele [Ingres], mas agora estamos nós aqui a interagir com estas obras, o que elas nos dizem, a nós? Estão a dizer-nos qualquer coisa, não é?”. Numa fase final da Sessão, esta intervenção focalizou a teoria já engendrada e baseada em conhecimentos adquiridos e consolidados, o que possibilitou elevar as ideias já estruturadas para um nível de natureza mais abstracta e visivelmente deslocado dos fenómenos da percepção utilizados na identificação de elementos figurativos da obra.

ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Para a AERV desta Sessão adaptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico e fortemente conduzido pela questão desta investigação, e que foi anteriormente objectivado e delineado no R1A.

Esta análise mantém o protocolo assumido e teve em conta: a relação dos comportamentos físicos com o espaço físico envolvente; comportamentos físicos em relação às obras previamente seleccionadas; e ainda, a qualidade dos discurso dos intervenientes.

Assim, a AERV mantém-se organizada de acordo com dois momentos específicos: 1º Momento refere-se aos comportamentos referentes ao momento em que as crianças-participantes entraram em contacto com o espaço onde as obras estavam expostas e a observação directa das mesmas; o 2º Momento refere-se aos registos comportamentais no decorrer da própria Sessão.

Análise etnográfica do registo de vídeo

TEMPO	CATEGORIA	ACÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
1º Momento 00:01:15		Entrada no espaço onde as obras estão localizadas	Posicionamento da câmara. Adultos sentam-se nos bancos corridos colocados de frente para as obras e aguardam pelo desenvolvimento de apropriação/apreciação das crianças-participantes. As crianças-participantes agrupam-se em frente às obras por instantes para depois, passarem à exploração do espaço envolvente (paredes separadoras etc). IND3 regressa isolada dos outros e coloca-se de frente para a tela de Ingres respeitando o marcador de distância colocado no chão. Restantes crianças-participantes aproximam-se e tomam os seus lugares (sentam-se de frente para as telas)	Apropriação do espaço
2º Momento 00:01:38		Início da 2ª Sessão (A)	Posicionamento. As crianças-participantes sentam-se junto aos adultos, em meia-lua e em frente às obras que irão ser discutidas. Entrega de MP4 às crianças-participantes para gravação da discussão.	
00:01:42 00:07:15	AGENDA DA DISCUSSÃO	Início da Agenda da Discussão Registo e leitura das questões	IND6 inicia a Agenda da Discussão INV verifica posicionamento das crianças-participantes em relação à câmara de filmar. Crianças-participantes vão colocando questões e aguardam que CONV1 as registre. Comportamentos revelam-se ordenados e reservados em relação às obras, contudo, apontam para indicar na obra ao que se estão a referir IND2 estreia-se numa Sessão. Fecha-se o registo da Agenda da Discussão . Quadro com questões registadas é colocado à vista de todos. CONV1 desloca-se para a frente do grupo e lê as questões em voz alta para que todos as possam ouvir (questões escritas permanecem em presença durante a sessão) (mantém-se em pé mas agora por detrás das crianças-participantes)	Dinâmica comportamental: comportamentos empáticos, atentos e de respeito pelas regras da discussão. Moderação conjunta entre INV e CONV1 Integração no meio: presença de um segurança e de uma funcionária que julgo ser do serviço educativo do CCB
00:08:56 00:10:50	DISCUSSÃO		INV dá início à Discussão Crianças-participantes intervêm em respeito das regras da discussão Agitação moderada até intervenção de IND8 que elevou o tom de voz para garantir o seu espaço de intervenção sem interferências CONV1 intervém para recordar regras de ordem de intervenção (não falar em simultâneo) INV arranhou cadeira para se posicionar melhor em relação à posição adoptada pelas crianças-participantes	Dinâmica comportamental: Alguma agitação e elevação de tons de voz Comportamentos flutuantes: passam de serenos e empáticos para sobreposição de vozes e agitação de braços
00:13:15 00:13:47			IND5 levanta-se e muda de lugar IND6 associa obras movimentando o dedo para apontar para os diferentes elementos que vai referindo IND7 intervém levantando-se mas ficando apenas a meio percurso entre os colegas e as obras e regressa ao seu lugar CONV1 intervém para moderar ordem de intervenção	Dinâmica comportamental: Comportamentos físicos em relação às obras (apontar o dedo, levantar-se para iniciar aproximação às obras)
00:14:39 00:17:12	Encaixe		INV intervém e refere elementos que muitas vezes esclarecem questões associadas à apreensão das obras ou para esclarecer contextos. IND 8 procura relacionar elementos presentes em ambas as obras IND7 acompanha INV pede a alguém com voz forte que leia legenda que está exposta identificação das obras	

			CONV1 substitui IND8	
18:30			CONV1 lê o texto que relata a história trágica de Édipo Crianças-participantes mantêm-se atentas e de rostos direcionados para o CONV1, alternando com olhares para os quadros para observar referências anunciadas pelo CONV1	Dinâmica comportamental: A hipótese de vir a abordar a narrativa associada à tragédia de Édipo havia sido ponderada pelos facilitadores antes do início da sessão.
00:21:10			Vozes sobrepostas e agitadas	
00:21:43	Olhares		Aproximação à obra de Ingres para descortinar questão de IND7 que procura saber para quem é que Édipo está a olhar CONV1 refere que a IND7 aproximou-se da obra para verificar para quem é que Édipo está a olhar IND5 aproxima-se de IND7 e convida restantes crianças-participantes para também se aproximam da obra e juntam-se à IND7	Dinâmica comportamental: Cooperação
			Vozes sobrepostas e agitadas	Comportamentos agitados
00:22:38			INV aproxima-se da obra e instiga a uma observação mais aguçada e questiona crianças-participantes para que estes observem com mais atenção IND4 aproxima-se por momentos da obra de Bacon e afasta-se; é seguido do IND5	Dinâmica comportamental: Instigação Comportamentos agitados Vozes sobrepostas
			Comportamentos agitado	
00:23:50			Retorno relutante aos seus lugares sentados no chão CONV1 organiza as ideias e devolve conclusões ao grupo para que as aprofunde IND3 inicia sua exposição IND7 interrompe-a IND8 expõe sua argumentação IND10 interfere INV interrompe e pergunta se querem saber a história do Édipo	Dinâmica comportamental: Instigação Boa disposição Dinâmica comportamental: Má orientação por parte da INV que devia ter permitido que IND8 terminasse a sua exposição
00:25:18			INV conta história de Édipo IND7 interrompe com atitude algo insolente querendo sobrepor uma outra versão da mesma história (atitude algo hostil e de constante sobreposição) INV dá lhe a palavra e esta levanta-se e assume lugar ao lado da INV CONV1 resume o fim da história IND7 interrompe consecutivamente CONV1 e mantém um discurso contínuo	Dinâmica comportamental: Comportamentos calmos e atentos IND7 registo de comportamento insolente
00:30:06				
00:32:45	Diálogo entre obras		IND5 retoma referência de elementos entre telas mas agora com simbologia narrativa associada IND8 explora obra de Bacon IND7 insiste em sobrepor-se às intervenções dos colegas IND6 algo alheado IND7 levanta-se e apresenta abordagem hostil à história contada pela INV CONV1 interrompe IND7 e afirma que a história dela é a mesma que a contada pela INV pondo fim à controvérsia forçada INV procura acalmar a hostilidade da IND7 IND7 mantém-se num registo de sobreposição às intervenções dos colegas	Dinâmica comportamental: IND7 apresenta um registo comportamental altivo, algo hostil (insolente) e de imposição. Também procura cumplicidade do CONV1
			INV procura que se recupere regras da discussão: ouvir os argumentos dos colegas CONV1 avança com a questão de posição de Édipo em ambas as obras IND5 argumentação conclusiva	

00:36:04			IND7 tentativa de sobreposição procurando IND3 avança com intervenção pertinente IND5 e IND7 apresentam comportamentos jocosos inibindo intervenção de IND3 IND3 passa MP4 IND8	Dinâmica comportamental: IND7 agressiva IND3 submissa IND8 eloquente IND2 ausente
00:38:09			IND7 interrompe IND8 e avança completando a sua ideia IND8 impõe-se e tenta terminar a sua argumentação INV instiga à continuação da ideia exposta por IND8	
00:39:39			Silêncio	
00:40:41	Pé Luz Moderno		INV debruça-se sobre a questão do “pé” Intervenções simpáticas e integradoras IND7 introduz a leitura da obra através dos elementos representados mais iluminados IND5 questiona aproximando-se da obra de Ingres; IND7 aproxima-se e procura responder (ambos sentam-se) IND8 levanta-se e argumenta próximo da obra onde aponta as zonas/ elementos que sustentam a sua argumentação IND7 intervém sentado IND5 levanta-se e interpreta ambas as obras à vez, apontando para ambas IND8 intervém sentado IND7 intervém com o mesmo tipo de comportamento apresentado pelo IND4 (aproximação de cada uma das obras)	Dinâmica comportamental: Comportamentos dinâmicos de aproximação à obra e outros atentos às apresentações dos colegas
00:46:24	Diálogo entre Obras		CONV1 pergunta como é que se estipula o Diálogo entre telas IND7 (que permanece de pé) responde à instigação do CONV1 IND4 e IND8 dedos no ar IND6 intervém e apresenta a sua argumentação IND7 intervém e apercebe-se que tem a mesma opinião	Dinâmica comportamental: Argumentam não olhando para os colegas mas de frente para as obras
00:50:04	Que diz a obra de Bacon à de Ingres?		CONV1 instiga: o que quererá a obra de Bacon dizer à de Ingres? IND8 intervém e coloca a 1ª hipótese de atitude de Édipo	Dinâmica comportamental: Comportamentos calmos, ordenados
00:51:41	Fracasso Sinais Abstracto		INV coloca a sinalética em discussão (obra de Bacon) IND9 intervém IND8 apresenta a sua interpretação da obra de Bacon face à sua escolha de matar o pai etc IND3 intervenção pertinente e sensível (mais abstracto) IND7 apresenta a sua interpretação como se os sinais fossem meios para uma significação mais incisiva IND8 apresenta a sua argumentação é interrompido pela IND7. IND8 retoma a sua intervenção alheando-se da interrupção da INV7	
			Conversas cruzadas	
01:00:31			INV interpelação com sentido forçado (humanidade). Rectificado pelo IND8 IND3 intervenção inicia narrativas associadas à concepção moral e ética do pai que despoletou todo o processo da tragédia (carácter intuitivo?)	Dinâmica comportamental: Comportamentos calmos, ordenados Alguns registos de cansaço
01:02:33			TERMINA REGISTO DE VIDEO	
			IND8 aborda a mesma questão mas sinalizando a faceta ambígua da escolha de ambos: pai e Édipo. (carácter analítico) IND7 decompõe consequências narrativas a partir da hipótese de Édipo não ter respondido ao enigma da esfinge (carácter analítico), morria mas não teria sofrido as terríveis consequências.	
	CONCLUSÕES	Transposição por empatia	IND6 preconiza o momento de viragem da Discussão – 1ª posição	

			ético-moral: eu preferia morrer a fazer mal ao mundo e ainda assim, estava-lhe reservada a glória (carácter céptico e analítico) IND8 2ª posição – fez bem em matar a Esfinge porque salvou muitas vidas (carácter analítico), IND4 e IND8 intervenções estruturadas na defesa e demonstração das argumentações IND3 – 3ª posição: Beco sem saída devido à profecia do oráculo (carácter intuitivo e analítico) IND8 Édipo mata o pai porque já havia sido determinado pelo oráculo, ou seja pelos deuses.	
			INV termina a sessão colocando a questão: quem é que decide o que vai acontecer com as nossas próprias vidas?	

Obs.

A adesão dos crianças-participantes foi assertiva, com uma alteração em relação ao registado no Relatório da Sessão 2 A: o IND2 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com uma questão enquanto a IND 11 mantém-se ainda retraída. Enquadrado na intenção natural para a discussão, o MP4 utilizado para o registo áudio da **Discussão** foi adoptado pelas crianças-participantes como o “passa-palavra”.

Verificou-se uma apetência natural para um comportamento físico de aproximação e afastamento à obra. O mesmo comportamento físico serviu para a experimentação, verificação e exposição das percepções e consequentes estruturas de pensamento associadas.

Mantiveram-se vários registos de movimento rotativo na discussão que se caracteriza por: exposição de argumentos e verificação colectiva dos mesmos na obra (As crianças-participantes movem-se em direcção às obras segundo “guião” oferecido pela argumentação activa – verifica-se semblantes de aprazimento e atenção de todas as crianças-participantes).

Verificaram-se determinadas apetências que definiram tipologias do carácter argumentativo (empirista; intuitiva; analítica e céptica) que deverão ser transferidas para a análise dos RAPI.

Manteve-se de igual modo a dinâmica diligente, muito enraizada nas percepções e na necessidade de compreensão das mesmas para a sustentação de argumentações assertivas, verificadas na Sessão 2 A.

Na 2ª metade da Discussão as construções narrativas dos factos/evidências plasticamente expostas nas obras, permitiram avançar para o discurso final e conclusivo das diferentes hipóteses de decisão para Édipo. É de acrescentar o sistema empático de transposição para si mesmos para testar as mesmas hipóteses associando a narrativa já sustentada a questões éticas e morais inerentes a cada uma das crianças-participantes. Nesta fase não houve julgamento de valores associados e uma maior ou menor ética, todas as 3 hipóteses foram apresentadas com o mesmo grau de valorização, mesmo porque, no final, concluiu-se que todas as tendências apontavam para um final trágico. Em suma, através das suas argumentações as crianças-participantes procuraram sustentar a possível estrutura lógica da tragédia que lhes foi apresentada, verificou-se, assim, um discurso mais abstracto de semblante *ético-moral*.

Quadro 1 - Análise etnográfica do registo de vídeo
(Descrição)

RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

Os RAPI (Crianças-participantes e Adultos), tal como foi referenciado no R1A, apoiam a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às subcategorias balizadas pela ARTD mas, também, a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças-participantes e adultos.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (do Gráfico 1 ao Gráfico 13) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitir avaliar, por indivíduo, a evolução da sua participação.

De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.

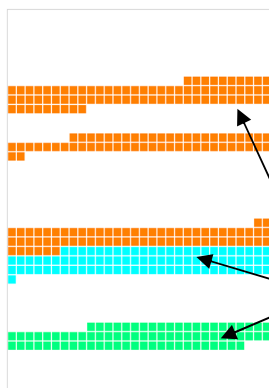


Gráfico 1 – IND 1 (Masculino)

O IND1 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com uma questão.

O seu comportamento revelou-se atento e moderadamente participativo. Ainda referente ao comportamento, a sua atitude face ao espaço foi livre e sem apresentar qualquer tipo de inibição.

A sua participação foi pontual durante toda a discussão, tendo-se focado com uma maior relevância na 1ª Questão e com uma menor relevância na 3ª Questão e 4ª Questão. As intervenções do IND 1 foram mais inquisitivas de carácter algo intuitivo e muito debruçado na percepção dos elementos representados nas obras, do que propriamente argumentativas.

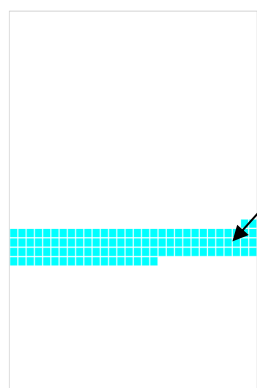


Gráfico 2 – IND 2 (Masculino)

O IND2 estreou-se com sua participação na constituição da **Agenda da Discussão** com a última questão de teor perspicaz e sensível à percepção da obra de Bacon, que na ARDG constitui-se como elemento assimilado pela 3ª Questão.

O seu comportamento revelou-se ora atento e em sintonia com o resto do grupo (observava os colegas nas suas participações activas e experimentou uma observação mais próxima das obras, bem como, o afastamento das mesmas quando este comportamento era “proposto” na explanação de alguma intervenção), ora disperso e alheado da **Discussão**.

Não há dados que possibilitem delinear a sua a estrutura narrativa de tipologia argumentativa.

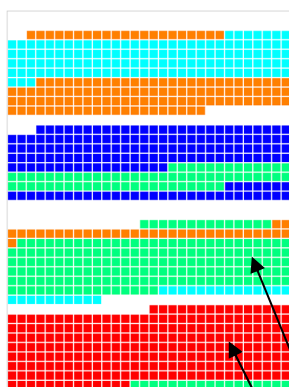


Gráfico 3 – IND 3 (Feminino)

A IND 3 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com uma questão que se constituiu como elemento adaptado à 1ª Questão (ARDG).

O seu comportamento revelou-se participativo, integrado e respeitador das regras da **Discussão**, alterando por alguns momentos de reflexão silenciosa mas atenta (introspectiva enquanto observava as obras mesmo). O seu tom de voz manteve-se sempre num tom afável e pouco elevado, mesmo quando inibida por acção jocosa. Verificou-se que, acerca da sua participação na **Discussão**: foi autora da 1ª proposta narrativa de leitura simbólica da obra de Ingres; sustentou muitos dos conceitos delineados em todas as questões constituídas, tendo na 4ª Questão apresentado uma análise crítica de valores estéticos associados à sinalética utilizada por Bacon na sua obra e na 5ª Questão alargado o conceito da responsabilidade ao pai de Édipo

As suas intervenções caracterizaram-se por se associarem aos vários os conceitos inaugurados pela discussão (o que garante, para as suas intervenções, a característica dupla-categorização activa dos conceitos teorizados). A IND 3 mantém um perfil de abordagem às obras como um todo contínuo, relacionável e coerente, o que possibilita associar a natureza das suas intervenções a uma narrativa coerente alimentada por uma estrutura de natureza intuitivo-empirista.

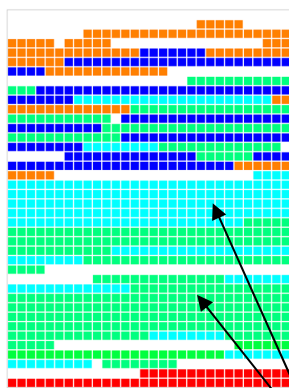


Gráfico 4 – IND 4 (Masculino)

O IND 4 não participou com nenhuma questão para a constituição da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento revelou-se atento, motivado e respeitador das regras da discussão e sensível ao contacto directo com as obras, com registos de aproximação às mesmas.

A sua participação foi moderada e consistente na articulação dos conceitos e muito atenta às intervenções dos facilitadores quando devolvem alguma questão à **Discussão**. As intervenções do IND4 revelaram uma natureza oscilante entre o perspicaz e o de pouca relevância, sendo que mostrou uma especial motivação na estruturação dos conceitos associados à 3ª Questão e 4ª Questão.

A narrativa apresentada pelo IND 4 revela uma tipologia argumentativa tendencialmente intuitiva.

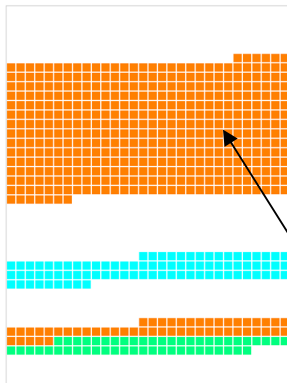


Gráfico 5 – IND 5 (Masculino)

O IND 5 participou com duas questões para a **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento mantém-se agitado, inquieto, por vezes jocoso, porém com momentos de relativa atenção e de intervenções acesas. Verificou-se que com alguma frequência não respeitou as regras da discussão (intervenção forçada por sobreposição de voz com o objectivo de impor complementaridade ou finalizar as argumentas alheias; e ainda, um leve registo jocoso). A sua participação revelou-se mais intensa para a 1ª Questão e esporádica na continuação da discussão. As suas parcas intervenções para esta Sessão descreveram uma narrativa que se revela de acordo com uma tipologia argumentativa céptica.

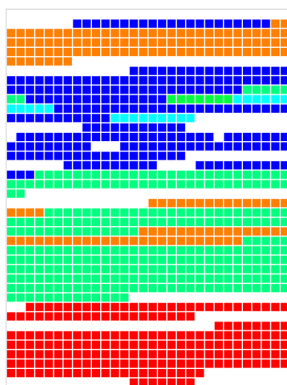


Gráfico 6 – IND 6 (Masculino)

O IND 6 participou com a 1ª Questão para a constituição da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento revelou-se atento, observador e integrado na dinâmica da discussão. Verificaram-se alguns momentos em manteve afastado da dinâmica do grupo para observação e/ou introspecção. A sua participação foi constante e consistente durante quase toda a discussão, muito activo e participativo em todas as questões estruturadas (para a ARDG).

A narrativa apresentada pelo IND6 é bastante consistente e revela uma tipologia argumentativa especialmente céptico-analítica e determinante para a estruturação coerente das ideias que defende. Na fase final da discussão o IND 6 foi uma das crianças-participantes que contribuiu para uma exposição de conceitos bastante coerente, de carácter conclusivo e de semblante integrado em conceitos ético-morais.

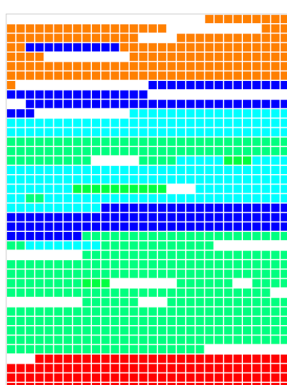


Gráfico 7 – IND 7 (Feminino)

A IND 7 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com uma questão. A sua participação manteve-se constante durante toda a discussão, tendo um interesse alargado a todas as questões estruturadas na **Discussão**.

O seu comportamento revelou-se atento, muito activo e participativo não só na dinâmica da discussão como também na “prática” de movimento em direcção às obras para exemplificar, observar, intuir. Contudo, verificaram-se também outros comportamentos algo antagónicos, desrespeitadores das regras da discussão, tal como, intervenções forçadas por sobreposição de voz com o objectivo de impor complementaridade ou finalizar argumentações de outrem; um leve registo jocoso com a IND 3 e de insolência agressiva para com a INV quando esta contava a história do Édipo e da esfinge; e outros registos de moderação de comportamentos dos colegas). As suas intervenções nesta Sessão descreveram, na sua fase final, uma narrativa que se revela de tipologia argumentativa analítica.

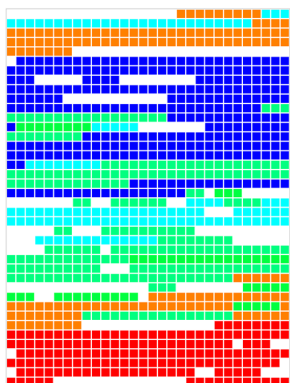


Gráfico 8 – IND 8 (Masculino)

O IND 8 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com uma questão. O seu comportamento revelou-se atento, observador e introspectivo; respeitador das regras da discussão e defensor do seu espaço de intervenção; muito participativo e sensível ao gesto e relação física com as obras (registos de intervenções voltado para as obras e não para os colegas, como costume); foi um dos elementos mais participativos desta Sessão.

A sua participação manteve-se constante durante toda a **Discussão**, com um foco de interesse alargado e de reciprocidade teórica que o permitiu entrecruzar os vários conceitos abordados, elevando o seu nível de focagem.

A narrativa apresentada pelo IND 8 caracteriza-se pela sua coerência e força anímica, com uma forte estrutura narrativa de tipologia argumentativa analítica. A sua forte argumentação na fase final rematou o desfecho das possíveis conclusões colocadas.

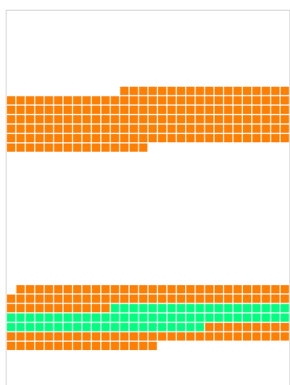


Gráfico 9 – IND 9 (Masculino)

O IND 9 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com uma questão.

O seu comportamento revelou-se atento, mas ainda pouco participativo.

A sua participação foi pontual durante toda a discussão, tendo-se focado com uma maior relevância Na 1ª Questão e com uma menor relevância 4ª Questão.

As intervenções do IND 9 foram algo inquisitivas de carácter algo intuitivo, muito debruçado na percepção dos elementos representados nas obras.

Não há dados que possibilitem delinear a sua a estrutura narrativa de tipologia argumentativa que lhe seja mais apropriada.



Gráfico 10 – IND 10 (Masculino)

O IND1 0 não participou com nenhuma questão para a constituição da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento revelou-se atento e respeitador das regras da discussão. A sua participação foi pontual, tendo-se focado com uma maior relevância na 1ª Questão e com uma menor relevância na 3ª Questão e 4ª Questão. As intervenções do IND 10 foram constituíram-se de elementos evidentes recolhidos do que se passava em seu redor do que propriamente da observação directa e intuitiva das obras, e ainda, com uma evidente falta de assimilação de estruturação argumentativa (talvez o IND 10 tema a exposição pública das suas próprias reflexões).

Não há dados que possibilitem delinear a sua a estrutura narrativa de tipologia argumentativa que lhe seja mais apropriada.

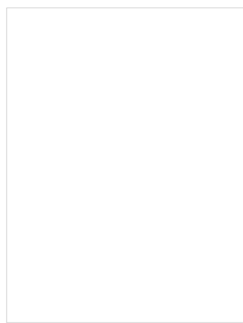


Gráfico 11 – IND 11 (Feminino)

A IND 11 esteve presente, porém, manteve-se algo distante dos movimentos associados à dinâmica da Sessão.

O seu comportamento mantém um registo de algum constrangimento e dificuldade em entrar em sintonia com o resto do grupo, contudo, acompanhou os movimentos do grupo no que diz respeito à observação mais próxima das obras em análise.

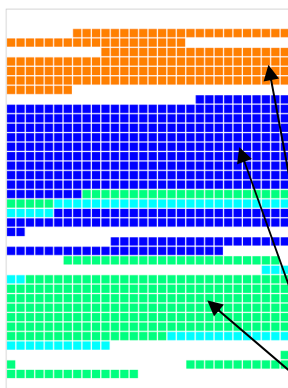


Gráfico 12 – CONV1 (Masculino)

O CONV1 participou na moderação em conjunto da Sessão com a INV.

Esta partilha da moderação da discussão ocorreu naturalmente e assegurou os benefícios registados no Relatório da Sessão 2 A: convencionou o carácter de partilha e a empatia para a melhor aceitação da INV como moderadora; por ser professor das crianças-participantes o seu ascendente nas relações comportamentais foi determinante; e, a sua vasta experiência na prática da Filosofia com Crianças possibilitou um maior controlo do cumprimento das regras da discussão e uma maior acuidade nas intervenções (por instigação ou na devolução do argumento ao grupo), o que conduz a benefícios evidentes para a Sessão. Nesta sessão a sua intervenção foi mais incisiva na 1ª Questão (no que diz respeito à questão dos olhares representados na obra de Ingres); na 2ª Questão (a que procura determinar o diálogo entre as obras); e na 4ª Questão (a que procura estabelecer como é que a obra de Bacon estabelece relação com a obra de Édipo).

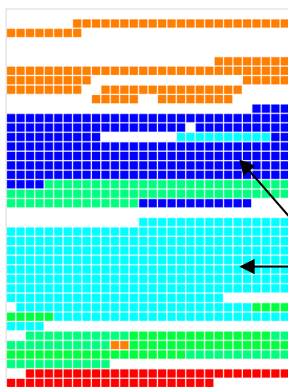


Gráfico 13 – INV (Feminino)

A INV deu início à Sessão explicando os procedimentos que seriam idênticos aos da Sessão 2 A.

Abordou com firmeza as questões comportamentais. A participação da INV foi incisiva e cautelosa: estava mais sensível e atenta às intervenções das participações, sendo a sua participação mais acentuada para a 2ª Questão (a que procura determinar o diálogo entre as obras) e a 3ª Questão (incide na interpretação da obra de Bacon). Apesar da necessidade de moderar a questão comportamental da IND 7 em insolência agressiva, foi um momento que de alguma maneira soube fazer desvanecer ao reconduzir a discussão para o seu objectivo principal – a troca de ideias de modo respeitador e cumpridor das regras da filosofia. A INV deverá ter em atenção momentos como o que forçou um determinado conceito que foi rapidamente corrigido e não desviou do seu contexto natural a argumentação em discussão; ou o que interrompeu uma argumentação em execução.

CONCLUSÕES FINAIS

A análise à estrutura desta discussão permite localizar e distinguir distintos momentos na dinâmica da discussão:

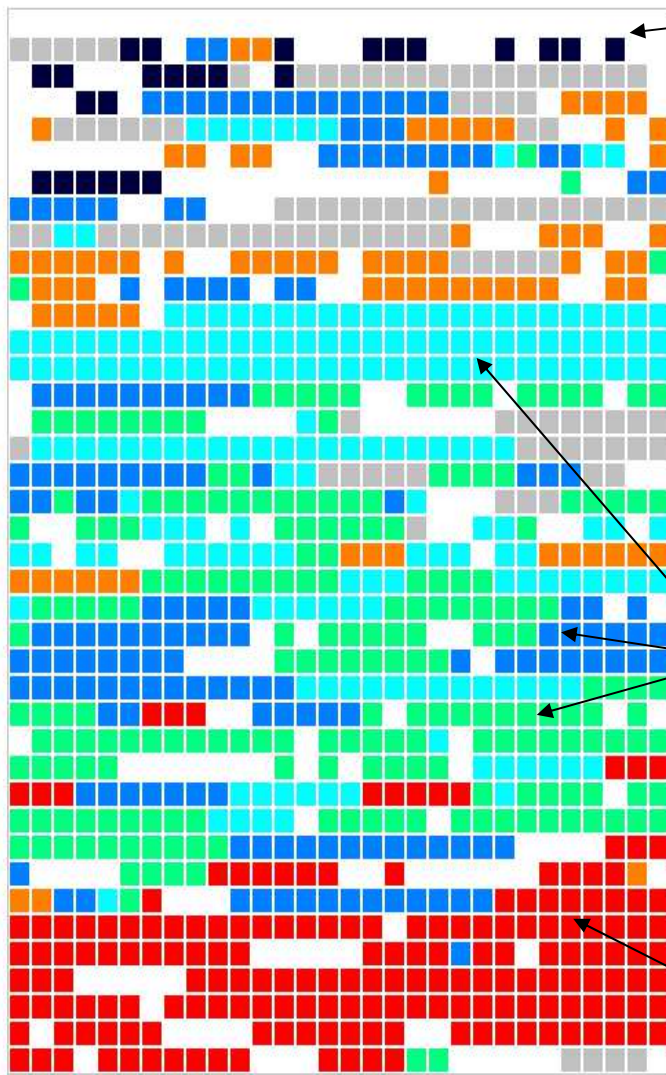


Gráfico 14 - RRTD3A

1. Momento de interpretação em que as crianças-participantes percebem os dados que sobressaem nas obras e estruturam uma **Agenda da Discussão**;

2. Momento de contextualização em que as crianças-participantes procuram responder a algumas questões em aberto sem se focarem especificamente em nenhuma delas. As abordagens são múltiplas, por isso, constituem momentos de passagem ou flutuantes e que antecedem a entrada nas abordagens mais consistentes da discussão;

3. Momento em que as crianças-participantes desenvolvem discursos associados a interpretações focalizadas nas obras e ainda, neste caso, à possível ligação entre as mesmas através de discursos com estruturação narrativa que reforçam as suas argumentações;

4. Momento específico em que as crianças-participantes desenvolvem um discurso abstracto em torno das categorias pertinentes à ampliação das suas argumentações.

Legenda:

Subcategorias da Discussão	
	Agenda da Discussão
	Elementos Descritivos
	Diálogo entre obras
	Édipo explique l'énigme aux Sphinx (Ingres)
	Oedipus and the sphinx after Ingres (Bacon)
	Conclusões
	(Registos comportamentais)

Questões derivadas da ARDG

1. De que modo se verifica a ligação entre as duas obras?
2. Diálogo entre telas
3. O que diz a obra de Édipo explique l'énigme aux Sphinx de Ingres?
4. Como é que a obra de Bacon dialoga com a história de Édipo?
5. O que é que as obras comunicam ao observador?

INTERPRETAÇÃO

A **Agenda da Discussão** gerou 9 questões (Quadro 2): a 1ª questão focou-se na *Ligação entre os quadros*, ou seja, na possibilidade de as obras presentes se relacionarem entre si; a 2ª questão *Localização* está muito associada à percepção dos elementos e no tipo de ambiente narrativo as envolvente; a 8ª questão refere-se preocupação com a *autoria* de ambas as obras; a 4ª, 6ª e 7ª questão associaram-se por se referirem directamente à *obra de Ingres*; e a 3ª, 5ª e 9ª questão associaram-se por referência directa à *obra de Francis Bacon*.

Agenda da Discussão	
1ª Qual será a ligação entre os dois quadros estando a esfinge nos dois?	IND6 (Masculino)
2ª Onde é que eles estão?	IND1 (Masculino)
3ª Porque é que há ali uma seta?	IND5 (Masculino) - Bacon
4ª Eu queria saber para onde está este senhor a olhar porque não me parece que esteja a olhar para a esfinge.	IND7 (Feminino) - Ingres
5ª O que é que fazem aqueles círculos ali?	IND8 (Masculino) - Bacon
6ª O que é que o Édipo estará a pedir à Esfinge?	IND3 (Feminino) – Ingres
7ª O que é que aquele segundo homem está ali a fazer?	IND9 (Feminino) – Ingres
8ª Foi o mesmo pintor que pintou os dois?	IND5 (Masculino)
9ª O que é que aquela mancha vermelha está ali a fazer?	IND2 (Masculino) – Bacon

Quadro 2 – Agenda da Discussão
(Questões)

As crianças-participantes, quando entraram no espaço destinado propositadamente apenas para as duas obras propostas, construindo, assim, um lugar de cumplicidades e de diálogo fechado entre ambas as obras e entre estas e o observador, dirigiram-se de imediato para as mesmas com uma maior predisposição para observar a obra de Ingres. Algumas crianças-participantes afastaram-se e retrocederam até à obra de Bacon para uma contemplação isolada e mais introspectiva. Posteriormente, instigados pela exclamação de um dos elementos, exploraram o espaço envolvente e contornaram a parede onde estavam fixas as obras. Não se observaram registos de interesse no texto colocado ao fundo da sala e numa parede perpendicular às obras.

Aos poucos e por decisão própria, sentaram-se perto dos facilitadores para iniciarem a Sessão.

Este comportamento é revelador de um procedimento assimilado: leitura das obras em grupo ou isoladamente; sentarem-se no chão em disposição própria para a assimilação das obras e para se poderem observar uns aos outros. Não houve registos de agitação nesta fase (o que contrasta com os registos em relatório das sessões anteriores).

A INV informou as crianças-participantes que os procedimentos a ter em conta na Sessão seriam os mesmos referidos na Sessão anterior, ao que as crianças-participantes responderam de imediato com braços levantados a solicitar inscrição para intervir.

Nesta 1ª Fase da Sessão, constatou-se que os comportamentos de preocupação com o cumprimento das regras da Filosofia com Crianças foram de atenção, integração e participação, contudo, alguns participantes tiveram necessidade de apontar com o dedo em direcção às obras para melhor indicar o que estava a ser referido.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta Sessão registaram-se dois momentos de **Contextualização** sendo que, o último, se pode considerar algo disseminado.

No primeiro destes momentos é clara a intenção das crianças-participantes em procurar resgatar possíveis respostas para as questões provenientes da **Agenda da Discussão** e/ou procurara vias possíveis para abordagens mais consistentes. Este momento caracterizou-se pelas abordagens múltiplas em que as intervenções focaram-se em multi-pré-conceitos, ou seja, é um momento da **Discussão** em que esta se encontra num formato muito elementar. O segundo momento constitui-se de um único momento que precedeu a entrada de argumentações mais consistentes na discussão de estruturação narrativa associadas a cada uma das obra, à excepção de um breve recuo aos **Elementos descritivos** que de algum modo servem de *âncora* para assegurar um visível afastamento da discussão para áreas discursivas mais hipotéticas. Este momento fugaz desperta a atenção para a concentração de abordagens múltiplas que o cercam, e que neste Relatório se vai manter sobre a denominação de momento de passagem ou flutuante. O momento que antecede este fenómeno, é precisamente considerado como conclusivo: as intervenções ganham um cariz mais abstracto, distante e simultaneamente próximo da obra-em-si porque é integrador de todos os conceitos anteriormente abordados. Este primeiro momento constituísse de abordagens múltiplas e diversificadas e muito associadas à percepção directa dos elementos que poderão conduzir a um entendimento da narrativa confinada ao silêncio da obra.

O segundo momento caracteriza-se pelas abordagens múltiplas em que as intervenções não se focam exclusivamente num único assunto, mas antes, procuram constituir algumas elações através da conjugação de conteúdos de natureza distinta. Neste caso específico, manteve-se em aberto a procura do contexto narrativo em que se inscrevia cada uma das obras e como é que estes contextos se associavam de modo a considerar o **Diálogo entre obras**. Neste momento verifica-se uma abordagem múltipla dos conceitos que procuram estabelecer o **Diálogo entre Obras**, ou seja, num sistema de contraste entre as obras que concorrerem para que esse diálogo se processe de modo directo, e para o qual a intervenção do CONV1 foi basilar: “Eu queria que vocês tentassem agora, olhando um pouco para os quadros, tentassem perceber se há alguma razão para, como diz ali na informação, num deles, o Édipo ocupar o centro e no outro não.”.

Fica ainda aberto a questão se cada uma das obras permanece isolada em si mesma, sendo apenas resgatada para esta participação discursiva, através da leitura directa e circunscrita da narrativa criada apenas pelo observador ao estabelecer, através no seu próprio discurso, a provável relação entre as obras Ex: “Porque num ele é vencedor [Ingres] e no outro não [Bacon]... como está ali a explicar.” IND 4 (Masculino); “É assim, eu continuo com aquela ideia de que o que acontece ali [Ingres], o pai está mais escuro porque quando se está atrás não se faz com tanta luz como quando se está mais à frente. Neste [Bacon], aquela coisa que estavas a dizer das casas, foi pintado em 1987 acho eu, por isso eles pensaram também em que ficasse mais moderno. Se nós pensarmos bem, também não há aquela espécie de caixas em que a Esfinge está em cima nesta época.” IND 8 (Masculino). Ou, ainda, porque o diálogo estabelecido entre as obras é unidirecional e tem como único intermediário o observador Ex: “Aquele

quadro está apenas a dialogar com o outro por várias razões: porque a história do Édipo não coincide com o Édipo, pelo menos com o que me deram a conhecer da história, não tem a ver com o estar numa casa e na história do Édipo a Esfinge já estaria morta. Mas, aquele quadro [Bacon] tem como já vimos várias parecenças com aquele. Portanto, eu acho que aquele quadro [Bacon] está a dialogar com o outro [Ingres].” IND 6 (Masculino)

No que diz respeito à dinâmica de grupo, verifica-se, nestes momentos específicos, uma efectiva necessidade de atitudes ou comportamentos físicos em relação às obras para averiguação, confirmação ou simplesmente para que as outras crianças-participantes e facilitadores possam percorrer visualmente o guião oral das argumentações.

Nesta sessão registaram-se menos aproximações individuais à obra e mais movimentações de dedos por parte dos interlocutores que, de longe, sentados nos seus respectivos lugares, gesticulavam com esta *batuta* apenas para conduzir outros olhares em sintonia com o que estava a ser dito.

É de referir, ainda, que também se verificou a quebra da disposição do grupo em *meia-lua* para se posicionarem, maioritariamente, em direcção às obras enquanto as apresentavam, ouviam ou participavam no normal desenrolar da **Discussão**.

Foram escassos os registos de momentos em que foi necessária a intervenção dos facilitadores para que se retomasse a ordem normal dos comportamentos.

DISCURSO COM ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA

O primeiro momento em que os discursos se desenvolveram segundo uma estrutura narrativa ocorreu logo após ao primeiro momento de contextualização, em que, por iniciativa da INV, o mito de Édipo e da Esfinge foi revelado às crianças-participantes para que desfrutassem do conhecimento do mesmo aquando da sua leitura das obras. Para este caso, a obra de Ingres, *Édipo explique l'énigme aux Sphinx*, revelou-se como a mais acomodada à leitura e construção teórica.

O segundo momento de entrada de um discurso com estruturação narrativa surge num contexto de múltiplas entradas narrativas directamente associadas a cada uma das obras, ou seja, os discursos constituintes de narrativas de interpretação e contextualização das obras funcionaram em duplicidade, uma vez que na **Discussão** ficou estruturada desde cedo no que se denominou de **Diálogo entre Obras**. Neste contexto, elege-se especificamente a subcategoria **Diálogo entre Obras** e as suas subcategorias **Édipo explique l'énigme aux Sphinx (Ingres)** e **Oedipus and the sphinx after Ingres (Bacon)**.

O terceiro momento de entrada de um discurso com estruturação narrativa surge imediatamente a seguir ao final do segundo *momento de passagem* que dá origem a narrativas virtuais de um invulgar semblante ético-moral. Assim, e uma vez que seu conteúdo vai ser considerado de natureza abstracta, este é destacado deste contexto teórico específico.

No que diz respeito à dinâmica de grupo registaram-se comportamentos de atenção, motivação, sintonização e de participação generalizada de quase todas as crianças-participantes; as regras da discussão foram alternadas com o seu correcto exercício e com a alteração e elevação de vozes e comportamentos agitados. Registaram-se algumas

intervenções por imposição por parte do IND 5 e IND 7. No que diz respeito à relação das crianças-participantes com o ambiente e com a obra, este foi o momento em que se registaram mais movimentos de aproximação e afastamento das obras como modo de facilitar a integração das argumentações ou, como uma correcção activa da imagem mental sugerida pelas várias exemplificações ou demonstrações.

A gestão destas intervenções foi algo desconsiderada pelas intervenções dos facilitadores, uma vez que a dinâmica geral do grupo sobreponha-se naturalmente às mesmas.

DISCURSO ABSTRACTO

A entrada de discursos de cariz abstracto registou um invulgar semblante ético-moral que ocorre muito próximo do final da **Discussão**, através da sucessiva apresentação de argumentos que se prenderam na demanda de um argumento decididamente conclusivo e que integrou as seguintes subcategorias: **Édipo mata a Esfinge mas não mata o pai**; **Édipo morria sem que se cumprisse a profecia**; e por último, **Édipo condenado a cumprir a profecia**.

Para o primeiro argumento ou hipótese, **Édipo mata a Esfinge mas não mata o pai**, foi considerada a possibilidade de Édipo cumprir o necessário, ou seja, matar a Esfinge e ficar por aí, ou seja, não matar o pai, contudo, isto implicaria que de algum modo Édipo antevisse o que iria suceder após ter morto a Esfinge. O segundo argumento, **Édipo morria sem que se cumprisse a profecia**, revê a possibilidade de Édipo falhar na resposta ao enigma e morrer como um homem comum sem que se cumprisse a tragédia que estava vaticinada. O terceiro e último argumento, **Édipo condenado a cumprir a profecia**, respeita o facto de Édipo ter evitado que a Esfinge continuasse a matar pessoas mas não evitou que, posteriormente, Édipo ao ter conhecimento da verdade, não se tivesse desleixado e com isso ter condenado o povo, nesta caso, as argumentações dirigem-se para o facto de o pai de Édipo, por cobardia, ter sido o grande responsável por ter iniciado o processo que conduziria ao desfecho anunciado pelo oráculo.

No curto espaço de tempo em que estas hipóteses foram colocadas e elaboradas, sentiu-se o enorme pesar com que as crianças-participantes consideraram a hipótese final: Édipo havia escolhido o que supostamente é humano escolher. O pesar deveu-se totalmente às posições empáticas que as suas narrativas de cariz virtual criaram como meio de interiorização de testagem pessoal de um fenómeno hipotético.

Neste último momento, no que diz respeito à dinâmica de grupo da discussão, verificaram-se comportamentos atentos e preocupados com a integração dos seus argumentos na defesa das posições específicas que iam sendo introduzidas na discussão. As participações foram muito selectivas com a peculiaridade de não exigirem qualquer moderação por parte dos facilitadores.

Este momento estruturado por discursos abstractos definiu também, com muita naturalidade, o término da **Discussão**, não só a nível discursivo como também a nível comportamental.

REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à leitura e interpretação de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

O Relatório da 3ª Sessão A debruçou-se sobre o possível discurso entre duas obras de diferentes autores e realizadas em diferentes períodos históricos mas com objectivos narrativos próximos: *Édipo explique l'énigme aux Sphinx* de Jean-Auguste Dominique Ingres (1780- 1867) e *Oedipus and the sphinx after Ingres* de Francis Bacon (1909-1992).

A Sessão foi realizada num contexto público (CCB), prosseguindo o percurso necessário e integrador da principal questão desta investigação e realizou-se segundo os pressupostos principais definidos por Matthew Lipman para Filosofia com Crianças promovendo a experiência fundamental para um melhor entendimento de um discurso, agora, manifestamente estético.

ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

Sessão: 3ª Sessão, *Édipo e a Esfinge*

Exposição: *Édipo e a Esfinge*

Data: 26 de Novembro de 2009

Local: CCB (Lisboa)

Horas: 11:30h às 13:15h (Sessão de Filosofia)

Critérios metodológicos	Relevância	Para critérios metodológicos manteve-se a <i>abordagem dedutiva</i> dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação.
	Enquadramento temático	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização das duas obras seleccionadas.
	Referências anteriores	Sem visita anterior à exposição.
Leitura da Obra	Características formais	Obedeceu ao protocolo associado ao da Filosofia com Crianças.
	Interpretação da obra	Sendo esta a 3ª Sessão em que estas crianças-participantes participaram, verificou-se uma forte adaptação dos seus discursos e comportamentos à alteração do objecto em discussão – arte através da construção de ideias associadas e interpretativas e em conjugação com a aproximação e afastamento físico em relação às mesmas. Na fase final da Discussão, as últimas intervenções apresentaram um perfil de discurso abstracto manifestamente ético-moral. A intervenção dos facilitadores foi consistente e em parceria durante toda a sessão.
Espaço museológico	Localização	CCB (Lisboa) ao qual acedemos a pé.
	Leitura/percepção	Foi considerado: que as crianças-participantes percorressem livremente a sala de exposições onde estavam expostas apenas estas obras; a disposição física dos participantes e formação de meia-lua de modo a que todos pudessem visualizar as obras e para que estas fossem integradas no “circulo da discussão”.
	Integração na exposição	A relação das crianças-participantes com as obras em questão foi muito física: a percepção das mesmas exigiu aproximações e afastamentos; o pressuposto da posição em meia-lua foi quebrado sendo que os seus argumentos surgiam com as crianças-participantes voltadas directamente para as obras.
Obs: As crianças-participantes revelaram-se aptas, integradas no que diz respeito às alterações suscitadas por esta investigação.		

Quadro 3 – Avaliação da obra e enquadramento no espaço
(Descrição)

AValiação da Sessão

Sessão: 3ª Sessão, *Édipo e a Esfinge*

Exposição: *Édipo e a Esfinge*

Data: 26 de Novembro de 2009

Local: CCB (Lisboa)

Horas: 11:30h às 13:15h (Vista à exposição seguida de Sessão de Filosofia)

Participantes: IND 1; IND 2; IND 3; IND 4; IND 5; IND 6; IND 7; IND 8; IND 9; IND 10; IND 11; CONV1; CONV3, INV e convidada externa (não considerada em análise)

ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Participação da maioria à excepção de 1 elementos (IND 11); participações individuais foram maioritariamente respeitadoras e integradas nos objectivos esperados. Registos de alguma expressão individualista.
	Grupo	Intervenções privilegiaram inicialmente a obra de Ingres mas posteriormente as suas argumentações procuraram associar as duas obras em presença. (Figura 2, pág.4) com poucas referências à outra (Figura 3, pág.4). Narrativas muito associadas à percepção e contextualização da narrativa inerente à obra.
	Professor	Poucas intervenções, contudo, as que foram feitas marcaram episódios essenciais na construção da Discussão.
	Investigadora	As suas intervenções integraram-se em parceria com as intervenções do CONV1.
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção, entusiasmo e de algumas imposições. Gesticulação do dedo indicador como meio de orientar a visualização necessária ao acompanhamento das argumentações.
	Grupo	Comportamentos de atenção; de cumprimento das regras da discussão; alguns comportamentos de irreverência; intervenções em relação próxima com as obras.
	Professor	Partilhou a moderação com a investigadora.
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; participação na moderação.
	Outros	-
Obs. Momento inicial de leitura das obras em completa pertença das crianças-participantes participações e integração dos discursos foram coerentes, inicialmente focados na percepção visual e posteriormente deslocados apenas para a narrativa inerente à própria obra em si mesma.		

Quadro 4 – Avaliação da entrada no campo
(Descrição)

DISCUSSÃO				
Obras de arte	Tempo de leitura	1:15 min.		
	Comport. Físico	No 1º momento as crianças-participantes fizeram uma aproximação directa às obras e de seguida sentaram-se em meia-lua diante das telas. Os seus comportamentos físicos adaptaram-se à necessidade das suas percepções e argumentações.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia e complementaridade discursiva; um registo jocoso e outros de alguma insolência agressiva direccionada e sobreposição discursiva por imposição.		
	Relevância	Obra	Obras seleccionadas revelaram-se estimulantes à percepção visual e às elações daí provenientes.	
		Temáticas	Constituição de um leque organizado para a interpretação das partes constituintes das obras e da produção das mesmas.	
Discussão		Registo de 3 momentos: “leitura” das obras; constituição da Agenda de discussão; Discussão.		
Investigação		As intervenções possibilitaram inferir tipologias do carácter argumentativo (empirista; intuitiva; analítica e céptica); e de comportamentos específicos da relação com as obras.		
A. Discussão	Grau de participação	Participação contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 9 questões que apresentaram as possíveis relações de natureza perceptiva; contextualização directa das obras; relação entre as mesmas e conclusões hipotéticas.	
		Discussão	As 9 questões da Agenda da Discussão formularam o carácter da discussão. Intervenções ricas em elementos para a sustentabilidade das várias análises de conteúdo. Participação de quase todos os elementos, com necessidade de alguma moderação.	
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos em cumprimento das regras da discussão; intervenções integradas no assunto em discussão. Adaptação à dinâmica de grupo na discussão. Comportamentos físicos em grupo em direção às obras.	
		Indivíduos	Todas as crianças-participantes participaram na Sessão, à excepção de uma.	
		Professor	Moderação empática e em parceria com a INV.	
		Investigadora	Intervenção durante toda a Discussão com maior sensibilidade à dinâmica do grupo e integrada na parceria com o CONV	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificaram	
		Interrupções provocadas	Não se verificaram	
		Comportamentos físicos	Aproximação às obras como processo integrador da exemplificação e contextualização das argumentações.	
	Argumentações	Narrativas	Estruturadas segundo distinções perceptivas; validaram as áreas temáticas; foram intercaladas por momentos de contextualização (<i>momentos de passagem ou flutuantes</i>) e imprescindíveis à fase final da discussão.	
		Argumentativas	Verificaram-se	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Verificaram-se	
	Jocosas	Verificaram-se		

Quadro 5 – Avaliação da Discussão
(Descrição)

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Preocupação com a partilha da moderação
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Verificou-se (narrar o mito de Édipo)
	Integração no grupo	Boa integração no grupo, com registos de alguma insolência dirigida à INV
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Verificou-se mas ajustada aos conteúdos temáticos da Discussão.
	Orientação da dinâmica	Não houve grande necessidade de gestão das inscrições na discussão, as crianças-participantes integram com facilidade as questões da moderação.
Preparação da sessão	Adequação da obra	A relação de duplicidade temática entre as obras seleccionadas; a diferença na autoria; e a integração das mesmas num espaço exclusivo para a sua exposição, coadjuvaram na selecção prévia das mesmas.
	Adequação ao grupo	A discussão incidiu inicialmente mais numa obra do que na outra, tendo sido induzida a inclusão da menos solicitada por intervenção dos facilitadores. Aceitação e motivação visível na integração das obras. Adequadas aos elementos participativos do grupo, pois não houve registos de incapacidade ou bloqueio argumentativo ou desinteresse.
	Adequação à discussão	Adequadas e incitadoras da discussão
	Benefícios	Correspondência manifesta na duplicidade de leitura de obras, tal como na sessão anterior. Abordagem espontânea ao espaço e às obras em referência para a discussão.
	Dificuldades encontradas	Na moderação de comportamentos insolentes agressivos (optou-se por ignorar o fenómeno de modo a não suscitar repetições posteriores)
Obs.		

Quadro 6 – Avaliação da observação participante
(Descrição)

AValiação da construção de teorias enraizadas²

1	Os critérios foram concebidos?	Critérios de análise foram geradores de novas possibilidades teóricas (nova tipologia de categorização)
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório sem se verificar qualquer necessidade de alteração.
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se pertinente a variedade que se verifica introduzida na teoria, contudo optou-se por uma delineação menos alargada da mesma (redução de categorias). Inclusão de categorização por valorização.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Confirma-se (alteração do objecto de discussão e a realização da sessão num espaço público alteram o paradigma proposto por Matthew Lipman)
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão conduziram a alterações efectuadas no protocolo.
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida? O que reflectem? <ul style="list-style-type: none"> ➤ “o ponto de vista do sujeito”; ➤ Descrição dos ambientes; ➤ Interesse na produção da ordem social ➤ Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”? 	Efetivamente. Na medida em que se pode verificar a forte adaptação comportamental dos participantes, verificou-se alterações conceptuais na categorização, definiram-se tipologias do carácter argumentativo (empirista; intuitiva; analítica e céptica), a natureza dos discursos de natureza abstracta integram-se no discurso dito ético-moral. A alteração das suas características; Adaptabilidade e controlo do ambiente; Domínio das dinâmicas proporcionadas pelas regras da discussão; A análise de vídeo reforçou e manteve a leitura das tipologias do carácter argumentativo e complementou com a leitura comportamental em relação às obras.

Quadro 7 – Avaliação da construção de teorias enraizadas

² Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

AValiação DO PROCESSO DE PESQUISA³

1	<p>Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?</p>	<p>O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 10 crianças-participantes (3 Femininos e 7 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminino e 1 Masculino)</p>
2	<p>Que categorias principais emergiram?</p>	<p>Agenda da discussão, Discussão (Elementos descritivos; Diálogo entre obras).</p>
3	<p>Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?</p>	<p>Relevância e integração temática, estrutura e tipologia argumentativa, comportamentos físicos em relação à leitura das obras.</p>
4	<p>Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?</p>	<p>Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre. Integrarem um discurso filosófico potencialmente estético e ético-moral.</p>
5	<p>Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias? Em que bases foram formuladas e testadas?</p>	<p>Como poderia uma Filosofia com Crianças possibilitar uma Estética com Crianças, de que modo o possibilita a leitura e discussão de obras de arte em espaços público ou culturais. Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i>.</p>
6	<p>Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?</p>	<p>Não se verificou (contudo é ainda inconclusivo).</p>
7	<p>Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil? Em que bases foram tratadas as decisões da análise final? Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?</p>	<p>De acordo com a natureza do protocolo assumido pela Filosofia com Crianças e pela natureza da Discussão efectuada. A selecção foi de construção gradual. A análise final obriga a uma verificação da metodologia, que obriga ao confronto teórico dos vários relatórios a formular. Os critérios aparecem tanto pelo seu poder explicativo como pelo seu poder de relevância em relação ao fenómeno estudado através da análise dos conceitos construídos pelos discursos e pela análise comportamental em relação aos participantes, destes com os facilitadores, dos participantes com o espaço envolvente e com o objectos previamente seleccionados e apresentados para discussão dos mesmos.</p>

Quadro 8 – Avaliação do processo de pesquisa

³ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)